

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Tiago Lopes Santos

**PARTICIPAÇÃO NUM PROGRAMA DE APOIO À
PARENTALIDADE: CARACTERÍSTICAS DOS PAIS-
HOMENS**

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob orientação da Professora Doutora Maria João Rama Seabra Santos e apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Julho de 2019

Participação num programa de apoio à parentalidade: Características dos pais-homens

Enquadramento. O papel do pai na educação das crianças tem aumentando, paralelamente à emancipação da mulher e à sua entrada no mercado de trabalho, traduzindo-se numa distribuição de papéis parentais de forma menos tradicional e mais igualitária. Quando o pai é um elemento envolvido e ativo na vida dos seus filhos, estes retiram inúmeros benefícios nas várias etapas do seu desenvolvimento, nas esferas cognitiva/escolar, emocional e social. **Objetivos.** Caracterizar do ponto de vista sociodemográfico os pais-homens que participaram no programa Anos Incríveis Básico para pais (AI-P) e compará-los com as mães que participaram; explorar o sentido de competência parental e a caracterização do comportamento nos seus filhos (aptidões sociais e problemas de comportamento), antes de iniciar o programa; avaliar a assiduidade e níveis de *dropout*; analisar a satisfação com o programa, após o seu final. **Método:** A amostra foi composta por 314 pais e mães de crianças com idades entre os 3 e os 6 anos, tendo sido constituída pela junção de amostras de estudos prévios. O foco principal desta dissertação são os pais-homens ($n = 73$), sendo as mães tomadas sobretudo como termos de comparação. **Resultados:** O número de pais-homens aderentes ao programa foi muito menor que o número de mães, e quase todos eles foram acompanhados pelas mães. Pais e mães das mesmas crianças pontuaram de forma equivalente e baixa relativamente ao seu sentido de competência parental e à avaliação de aptidões sociais das crianças, mas diferiram quanto à identificação de problemas de comportamento externalizados nos seus filhos, com os pais-homens a pontuarem significativamente menos que as mães. Reportou-se ainda que pais e mães que participaram juntos assinalaram mais problemas de comportamento do que mães que participaram sozinhas no programa. Os pais-homens revelaram-se mais satisfeitos com o programa quanto às estratégias treinadas, do que as mães das respetivas crianças. **Discussão e conclusões:** Os resultados apurados são discutidos com base no enquadramento teórico. Este estudo, cujas limitações também são apontadas, representa um contributo para a caracterização dos pais-homens que aderiram a um programa de apoio à parentalidade. São identificados alguns caminhos para investigações futuras.

Palavras-chave: pais-homens; programas de apoio parental; Anos Incríveis Básico para pais; sentido de competência parental; aptidões sociais; problemas de comportamento; idade pré-escolar.

Participation on a parenting support program: fathers' characteristics

Background. The role of the father on children's education has grown, in parallel with the emancipation of women and their entry into the job market, which translates into a less traditional and more egalitarian distribution of parental roles. When the fathers are active and involved elements in their children's lives, children reap countless benefits in various stages of their development, in the cognitive/academic, emotional and social areas. **Objectives.** To characterize fathers who participated in the Basic Incredible Years Program for Parents (IY-P) in terms of sociodemographic characteristics and compare them to the mothers that participated as well; explore fathers' sense of parental competence and the way they characterize their children's behavior (social skills and behavior problems) before the beginning of the program; evaluate attendance and dropout levels; analyze the feeling of satisfaction towards the program, after its end. **Method.** The sample consisted of 314 fathers and mothers of children between 3 and 6 years old and was composed by the combination of samples from previous studies. The main focus of this dissertation is the fathers ($n = 73$), being the mothers taken as terms of comparison. **Results.** The number of fathers adhering to the program was much lower than the number of mothers, and almost all of them were accompanied by the mothers. Fathers and mothers of the same children scored equally and poorly relatively to their sense of parental competence and their children's social skills, although they differed when it came to the assessment of their children's externalizing behavior problems, with the fathers scoring significantly lower than mothers. It was also reported that parents who participated together in the program indicated more behavioral problems than the mothers who participated alone. The fathers revealed to be more satisfied with the program in terms of the trained strategies than the mothers of the same children. **Discussion and conclusions.** The obtained results are discussed based on the theoretical background. The present study, whose limitations are also pointed out, contributed to the characterization of the fathers who joined a parenting support program. Some paths for future investigations are identified.

Key-words: fathers; parenting support; Incredible Years Basic Program for Parents; parental sense of competence; social skills; behavior problems; preschool age.

Agradecimentos

A realização deste trabalho contou com a colaboração de várias pessoas, e começo por agradecer de forma geral a todos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para a concretização desta dissertação.

À Professora Doutora Maria João Rama Seabra Santos, um Enorme Obrigado, pelo apoio, supervisão e dedicação a este trabalho, pelo rigor e conhecimento, que sempre me fez manter a fasquia bem alta. Foi um privilégio trabalhar e aprender consigo ao longo do último ano.

À Professora Doutora Luciana Sotero e à Professora Doutora Madalena Carvalho, pela partilha do conhecimento, orientação e transmissão da paixão pela área. Cresci muito do ponto de vista técnico, mas sobretudo enquanto pessoa. À Professora Doutora Ana Paula Relvas, pela partilha de experiência e por ser um pilar da nossa área.

Aos meus pais, por toda a força transmitida ao longo deste percurso, persistência e suporte. Ao meu irmão por não me deixar baixar os braços e fazer com que encarasse todos os desafios. À minha avó e à minha restante família, por todo o suporte e confiança. A ti Maria, por todo o apoio que me deste para que conseguisse alcançar os meus objetivos.

Aos meus amigos de Coimbra, que me fizeram crescer ao longo deste percurso, me tornaram numa pessoa melhor, com os quais partilhei os denominados “melhores anos das nossas vidas” e aos meus amigos de turma do Mestrado de Sistémica, pelos momentos de partilha que foram estes dois anos.

A todos vós, um grande obrigado. Sem vocês não teria sido possível.

Índice	
Introdução	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1.1. Conceptualização do Envolvimento da Figura Paterna.....	2
1.1.1. Fatores relacionados com o envolvimento da figura paterna.....	5
1.2. Benefícios para a criança do envolvimento paterno.....	6
1.3. Participação dos pais-homens em intervenções dirigidas à criança.....	9
II - Objetivos	12
III - Metodologia	12
3.1. Procedimento de Recolha da Amostra	12
3.2. Descrição da Amostra	14
3.3. Instrumentos.....	14
3.4. Descrição da Intervenção: Os Anos Incríveis Programa Básico para pais.....	17
3.5. Procedimentos de Análise de Dados	17
IV - Resultados.....	18
V - Discussão	29
VI - Conclusões.....	35
Bibliografia	37

Introdução

O desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar ocorre de forma muito acelerada e, nesse período, acontecem mudanças desenvolvimentais fundamentais, como o crescimento físico, mas também a regulação emocional e comportamental (Egger, & Angold, 2006). A aprendizagem da autorregulação pode-se tornar particularmente difícil para algumas crianças, traduzindo-se em comportamentos externalizados que criam desafios particulares à parentalidade. Em casos menos frequentes, as crianças podem desenvolver problemas de comportamento com significado clínico, como é o caso das Perturbações Disruptivas do Comportamento, que têm sido assinaladas como uma problemática crescente na sociedade atual (Homem, Gaspar, Seabra-Santos, Azevedo, & Canavarro, 2013).

As relações que se estabelecem entre os pais e os filhos são de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social dos últimos (Sanders, Markie-Dadds, & Turner, 2003). Em particular, quando a criança apresenta problemas de comportamento, as mudanças nas estratégias parentais poderão exercer um impacto positivo na redução desses problemas (Azevedo, Seabra-Santos, Gaspar, & Homem, 2013). Neste contexto, os programas de educação parental são considerados uma ajuda consistente e relevante, demonstrando níveis de eficácia elevados no treino de competências parentais (Baptista et al., 2017; Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016). O programa Anos Incríveis Básico para pais (AI-P; Webster-Stratton, 1981) insere-se dentro deste tipo de intervenções, tendo como objetivo primordial a redução de problemas de comportamento e a autorregulação social e emocional de crianças. Através de um processo de aprendizagem colaborativo e do treino de estratégias parentais positivas, o programa visa, igualmente, o fortalecimento da relação entre pais e filhos (Webster-Stratton, 2011).

No que diz respeito especificamente à figura paterna, as evidências empíricas têm demonstrado que o envolvimento do pai na vida dos seus filhos é fundamental, contribuindo para bons desempenhos escolares, assim como para a aquisição de competências emocionais e sociais (Malmberg et al., 2015; Pougnet, Serbin, Stack, & Schwartzman, 2011; Torres, Veríssimo, Monteiro, Ribeiro, & Santos, 2014). Nomeadamente, o envolvimento e a participação de pais-homens em programas de apoio à parentalidade, como é o caso do programa AI-P, tem-se traduzido em melhorias comportamentais das crianças, assim como em melhores desempenhos escolares e no favorecimento da relação pai-filho (Bront-Tinkew, Carrano, Bowie, Mbawa, & Matthews, 2007; Burgess, 2009; Webster-Stratton, Reid, & Hammond, 2004). Contudo, o número de pais-homens a participar em grupos de apoio à parentalidade é ainda reduzido, sendo a participação da figura paterna, junto das mães, fundamental para a aplicação coesa e fortalecida das estratégias treinadas (Bront-Tinkew et al., 2007; Burgess, 2009; Stahlschmidt, Threkfall, Seaym, Lewis, & Kohl, 2013).

Assim, quando um programa de educação parental é oferecido gratuitamente, torna-se importante conhecer quais são as características dos

pais-homens que participam de forma voluntária. Porém, a literatura existente é muitas vezes direcionada às mães, que são habitualmente tomadas como cuidadores principais, enquanto são escassos os estudos realizados neste âmbito com pais-homens. O propósito basilar deste trabalho é, então, caracterizar os pais que participaram de forma voluntária no programa de educação parental AI-P, oferecido gratuitamente, quanto às suas características sociodemográficas e às das suas famílias, ao seu sentido de competência parental e à avaliação que fazem das aptidões sociais e de problemas de comportamento nos seus filhos, antes de iniciarem o programa. Pretende-se, igualmente, analisar o grau de satisfação dos pais-homens quanto a diversos componentes do programa AI-P, após a sua finalização.

Numa fase inicial desta dissertação (Parte I) procede-se a um enquadramento teórico do tema estudado, explorando a forma como o papel e o envolvimento do pai evoluíram e como têm sido conceptualizados. Ainda no enquadramento, são abordados os benefícios do envolvimento do pai para as crianças, a sinalização e procura de ajuda por parte dos pais quando os filhos apresentam dificuldades comportamentais e os níveis de participação em programas de apoio à parentalidade. Na Parte II, são apresentados os objetivos condutores deste estudo empírico. Já na Parte III, descrevem-se o método de recrutamento da amostra e sua caracterização, os instrumentos aplicados, assim como os procedimentos de análise estatística dos dados. Na Parte IV, são apresentados os resultados obtidos a partir do tratamento de dados. A Parte V apresenta a discussão dos resultados com base numa análise reflexiva, com apoio na revisão de literatura realizada. Por fim (Parte VI), apresenta-se uma reflexão final com base no trabalho desenvolvido, assim como as respetivas limitações e algumas sugestões para investigações futuras.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Conceptualização do Envolvimento da Figura Paterna

Desde a década de 70 do século passado que a paternidade tem sido um tema de interesse para investigadores sociais e para as autoridades em saúde mental, assim como um foco importante de investigação, de teorias e ainda de especulação (Lamb, 2000). Especificamente, a literatura vem realçando o modo como a conceptualização do envolvimento da figura paterna foi sofrendo modificações ao longo do tempo.

Em 1987, Lamb, Pleck, Charnov e Levine descreveram a evolução da conceptualização do papel do pai, considerando que esta havia passado por três etapas e estava, na época, a passar por uma nova mudança. Assim, de acordo com estes autores, a primeira conceptualização do envolvimento da figura paterna, que vigorou desde meados do século XVII até aos finais do século XVIII, foi enquanto veículo de formação moral, figura socialmente aceite como responsável pela transmissão de valores considerados adequados (Lamb et al., 1987). A segunda conceptualização deste envolvimento esteve sobretudo ligada ao sustento económico. Numa época de forte industrialização, desde meados do século XIX até às primeiras décadas do século XX, o papel do pai foi redefinido, passando a ser avaliado sobretudo em função da sua capacidade de sustento económico sem, contudo,

comprometer a sua função moral (Lambe et al., 1987). Após a Grande Depressão e a Segunda Grande Guerra, o papel do pai foi revisto mais uma vez e, embora mantendo-se as responsabilidades anteriores, ganhou força a conceptualização da figura paterna enquanto modelo de tipificação sexual. Neste contexto, considerava-se serem necessários modelos fortes para desenvolver a identidade de género nas crianças, sendo o pai o modelo no caso dos rapazes (Lamb et al., 1987).

De acordo com os mesmos autores, a quarta etapa chegou, então, na década de 70 do século XX, momento em que se identificou pela primeira vez a figura do pai como um progenitor ativo, que se envolvia nos cuidados a serem prestados aos filhos (Lamb et al., 1987). Algumas mudanças ocorridas na sociedade levaram a que a figura paterna se fosse transformando, tanto no seio da família, como também no seu papel na sociedade. A mudança que influenciou mais este processo foi a entrada da mulher no mundo do trabalho, durante a década de sessenta. Com esta entrada no mundo laboral e uma liberdade sexual e de expressão cada vez maiores, a mulher começou a acumular outras funções na família, para além das domésticas que já possuía, nas quais se incluíam os cuidados para com os filhos. Esta mudança foi provavelmente uma alavanca que levou o pai a envolver-se mais nos cuidados domésticos, nomeadamente nas trocas afetivas com os filhos (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradlet, Hofferth, & Lamb, 2000; Staudt & Wagner, 2008; Sullerot, 1993).

No seguimento desta quarta etapa, Lamb e colaboradores (1987) qualificaram o envolvimento do pai em três parâmetros: interação, acesso e responsabilidade. A *interação*, a mais restrita das três, foi definida como uma relação direta efetiva com os filhos. São exemplos de tipos de interação o apoio nas rotinas ligadas à alimentação, brincar com a criança ou ajudá-la a realizar os trabalhos de casa (Lamb et al., 1987). O parâmetro do *acesso* está ligado a graus menos intensos de interação, mas que ainda proporcionem algum envolvimento entre o pai e a criança. São exemplos o estar na cozinha a preparar a refeição enquanto a criança brinca noutra ou na mesma divisão (Lamb et al., 1987). O último tipo de envolvimento, definido pelo autor como o mais difícil de caracterizar e também o mais importante, é a *responsabilidade*. Isto é, até que ponto o progenitor assume, completamente, a responsabilidade pelo bem-estar e pelos cuidados a serem prestados à criança (Lamb et al., 1987). Assim, não se trata somente de estar disponível para ajudar quando é oportuno ou necessário, mas sim saber, por exemplo, se a criança precisa de uma consulta no pediatra, marcá-la e assegurar que ela vai de facto à consulta.

Ainda que esta conceptualização de Lamb e colaboradores (1987) seja considerada bastante útil e tenha servido de base para investigações futuras, foi alvo de algumas críticas. Nomeadamente da parte de Hawkins e Palkovitz (1999) e Palkovitz (1997), que defenderam o envolvimento da figura paterna como sendo um constructo multidimensional, em detrimento da visão de Lamb, que consideraram limitada, unidimensional e centrada maioritariamente no tempo passado pelo pai com a criança. Para estes autores, o foco do estudo do envolvimento da figura paterna deve ser a natureza e a experiência das atividades em si, onde estão incluídas componentes

cognitivas, afetivas, sociais, éticas e também comportamentos observáveis, o que permitirá encontrar conexões mais fortes entre o envolvimento do pai e os resultados da criança (Hawkins & Palkovitz, 1999; Palkovitz, 1997).

Com base na conceptualização de Lamb e colaboradores (1987), Pleck (2010) propôs também uma visão mais multidimensional do envolvimento do pai, para além do tempo que passam juntos. O autor defendeu, nesta sua conceptualização do envolvimento da figura paterna, três componentes primários: *atividades de envolvimento positivo*, traduzindo-se por interações com a criança de cariz mais intensivo, que promovem o seu desenvolvimento; *carinho e capacidade de resposta*, traduzindo-se em demonstrações de carinho como abraçar ou dizer que ama a criança, e também aprovar e reforçar certas atividades desenvolvidas por ela; e *controlo*, nomeadamente na monitorização da criança e tomadas de decisão pelo pai em relação a necessidades desta. Esta revisão incluiu, também, dois componentes complementares: *cuidados indiretos*, que são atividades realizadas para a criança que não pressupõem interação com a mesma, podendo tomar a forma *material* (compra e organização de bens e serviços para a criança) ou *social* (promoção das conexões comunitárias da criança com os seus pares e instituições), e *responsabilidade pelo processo*, que implica a monitorização, pelo pai, do cumprimento dos primeiros quatro componentes acima descritos.

Num desenvolvimento da sua conceptualização, anteriormente exposta, Lamb (2010) defendeu que o papel do pai na família e, mais concretamente, na relação com os filhos, tem vindo a desenvolver contornos aproximados ao papel da mãe, considerando que os pais influenciam o desenvolvimento dos seus filhos de forma muito similar à das mães (Lamb, 2010). Assim, ainda que a figura paterna seja maioritariamente reconhecida pelo *brincar* na interação com os filhos e por ser um modelo a seguir pelas crianças ao longo do seu desenvolvimento, tem-se verificado que os pais-homens também encorajam na exploração do ambiente, adaptam os seus padrões de fala ao do bebé falando mais devagar e usando frases mais curtas, respondem aos sorrisos e aos choros do bebé e adaptam o seu comportamento para estimular o desenvolvimento de competências na criança. Assim sendo, este autor reconheceu o papel do pai como multifacetado no que toca ao envolvimento na vida dos seus filhos, o que tem sido também verificado noutros estudos (Lima, Serôdio, & Cruz, 2011).

Na sua meta-análise de estudos sobre elementos importantes no papel do pai e da paternidade, Palkovitz (2007) identificou alguns aspetos mais relevantes no que concerne à relação entre o pai e a criança. O primeiro destes aspetos foi o *clima afetivo*, descrito como o contacto e ligação entre a criança e o pai, carinho e amor do pai para com o filho, e confiança, segurança e proteção fornecidas pelo pai à criança. O segundo aspeto identificado foi o *estilo comportamental*, definido pelo modelamento da criança pelo pai, isto é, a criança ver o pai como um modelo a ser seguido, a existência de interações entre ambos que estimulem o desenvolvimento da criança e a promoção de um ambiente seguro. Por último, os autores consideraram importante para o desenvolvimento da criança a existência de uma *sincronia relacional* apropriada e sensível, sendo o pai uma fonte de apoio e capitalizando a emergência de habilidades e interesses na criança.

1.1.1. Fatores relacionados com o envolvimento da figura paterna

Com esta nova conceptualização do papel paternal, surge também o interesse pelas características sociodemográficas dos pais-homens, nomeadamente daqueles que se envolvem de forma mais carinhosa e próxima como tem sido retratado ao longo do texto (Castillo, Welch, & Sarver, 2011; Lamb, 2010). Castillo e colaboradores (2011) evidenciaram, no seu estudo de relação entre as variáveis sociodemográficas dos pais-homens (idade, escolaridade, rendimentos) e o envolvimento com os filhos, que pais-homens com idades mais avançadas e que residiam com os filhos nas mesmas casas tinham tendência a experienciar maiores níveis de envolvimento com os filhos do que pais mais jovens. Estes dados corroboram o estudo de Lima (2008), que mostrou que pais-homens mais velhos tinham tendência a ser mais recetivos para com os filhos e procuravam mais vezes a interação com as crianças. Relativamente à escolaridade, Davis e Perkins (1996) demonstraram que pais-homens com níveis superiores de educação se envolviam mais nos cuidados prestados aos seus filhos e nas tarefas escolares dos mesmos. No mesmo sentido, Cabrera, Shannon e Tamis-LeMonda (2007) mostraram que pais-homens com níveis diferenciados de educação, superiores ao ensino secundário sentiam mais motivação para o exercício da parentalidade e eram mais conscientes acerca dos desafios e necessidades dos seus filhos ao longo das várias etapas do seu desenvolvimento. De forma mais específica, um estudo relativo à participação de pais-homens em grupos de apoio à parentalidade, usando parte da amostra que serviu de base à presente dissertação, mostrou já que os pais-homens participantes em grupos de educação parental tinham elevados níveis de escolaridade, tendo completado em média 14 anos de estudo (Homem, Gaspar, Seabra-Santos, Canavarro, & Azevedo, 2014). Para Wood e Repetti (2004), o aumento do número de filhos e o conseqüente aumento do tamanho da família apresenta-se como um fator que tende a fazer diminuir o envolvimento do pai com os filhos. Num estudo longitudinal sobre o envolvimento dos pais-homens, os autores mostraram que cada criança que é adicionada à família requer um aumento de recursos parentais, o que faz acrescer as dificuldades no envolvimento dos pais-homens, quando comparados com as mães (Wood & Repetti, 2004).

Nesta evolução do papel paternal junto dos filhos, importa também compreender a perceção que os próprios pais-homens têm sobre a sua satisfação e eficácia associadas à parentalidade. Johnston e Mash (1989) mostraram, numa amostra com pais-homens de crianças em idade da faixa etária do pré-escolar, que os pais apresentam maiores índices de satisfação com a sua parentalidade, quando comparados com as mães. Relativamente aos índices de eficácia, os autores verificaram que os pais tendiam a sentir-se menos eficazes quando as crianças eram consideradas problemáticas pelos mesmos. Estes dados foram corroborados por Ferreira e colaboradores (2014) que, utilizando o mesmo instrumento de medida que no estudo anterior (a Escala de Sentido de Competência Parental, Johnston & Mash, 1989), concluíram que os pais-homens se sentiam mais satisfeitos do que as mães no exercício dos seus papéis parentais, ainda que não de uma forma

estatisticamente significativa, não havendo diferenças entre pais e mães quanto ao sentido de eficácia parental. O mesmo estudo destacou a existência de uma relação negativa entre a idade dos pais-homens e a sua percepção de eficácia, isto é, os pais sentem-se tanto menos eficazes quanto mais velhos forem (Ferreira et al., 2014). Esta relação negativa é corroborada noutros estudos (Castillo et al., 2011; Seabra-Santos et al., 2015). Foi também encontrado uma relação negativa entre a escolaridade e o sentimento de eficácia por parte dos pais-homens, isto é, quanto maior a escolaridade dos pais, menor o seu sentimento de eficácia relativamente à parentalidade (Seabra-Santos et al., 2015).

A influência do pai sobre a criança não se esgota apenas na relação pai-filho/a mas está, igualmente, dependente de outras relações do pai, nomeadamente com a sua parceira (que pode, ou não ser a mãe), ex-parceiras e com outros filhos/as, de forma a manter e estabelecer contextos e relações positivas para a família e para a criança (Lamb, 2010). Assim, ao analisar o envolvimento paterno, é importante considerar os processos familiares, nomeadamente do sistema conjugal. O pai necessita de um ambiente favorável para participar nos cuidados à criança, em particular do apoio da companhia e de outras pessoas significativas (Lima et al., 2011). Por conseguinte, a mãe exerce um papel fundamental, também no relacionamento e no envolvimento do pai com os filhos (Lima et al., 2011).

Por último, ao analisar o papel do pai e do seu envolvimento, é importante não esquecer as variações culturais e étnicas no significado da paternidade, dos papéis dos pais e das suas influências nas crianças (Cabrera et al., 2000), na medida em que estas variações ajudam a contextualizar o envolvimento do pai, que pode variar até dentro da própria comunidade. Neste sentido, defende-se que não existem definições singulares de “paternidade competente” ou uma “noção ideal de pai”, devendo esta ser vista à luz do contexto (Cabrera et al., 2000). Desta forma, as expectativas dos pais sobre o que eles devem fazer e sobre os seus efeitos na criança devem ser vistos dentro dos contextos da família, da comunidade e da própria cultura (Cabrera et al., 2000; Lamb, 2010).

Em jeito de síntese, o papel do pai tem sofrido inúmeras alterações ao longo do tempo, caracterizando-se nas últimas décadas por um progressivo aumento das demonstrações de carinho e de afeto para com os filhos (Pleck, 2010), e por uma aproximação ao papel habitualmente associado à figura materna (Lamb, 2010). Tal como as mães, os pais-homens podem ter impacto, positivo ou negativo, no bem-estar do seu filho e nas etapas fundamentais do seu desenvolvimento, como também no funcionamento familiar (Lamb, 2010; Pleck, 2010).

1.2. Benefícios para a criança do envolvimento paterno

Os investigadores têm, progressivamente ao longo das décadas, procurado entender a importância do pai, e do seu envolvimento, na vida da criança. Já no fim do século XX, começaram a ser produzidos os primeiros estudos e investigações com o objetivo de compreender os benefícios que o envolvimento do pai ou de uma figura paterna, seja residente ou não, pode trazer à criança (Lamb, 1992). Na sequência destas investigações, foram

salientados benefícios de vários tipos. Assim, segundo Rosenberg e Wilcox (2006), as crianças podem beneficiar do envolvimento do pai, nomeadamente nos aspetos cognitivos/ escolares, psicológicos e sociais. Estes vários tipos de benefícios serão desenvolvidos sucessivamente em seguida, com base numa revisão de estudos empíricos.

Relativamente aos benefícios cognitivos e escolares, Cabrera e colaboradores (2007), destacam, num estudo que envolveu crianças com idades compreendidas entre os 24, 36 e 64 meses, que o envolvimento e apoio do pai nestas idades está relacionado com um maior desenvolvimento cognitivo, e conseqüentemente, com a maior probabilidade de as crianças possuírem capacidades cognitivas e linguísticas mais desenvolvidas. Estes dados acima referidos são corroborados num estudo de Malmberg e colaboradores (2015), que defendem que a sensibilidade e apoio prestado pelos pais-homens influenciam diretamente o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos filhos. Bronte-Tinkew, Carrano, Horowitz e Kinukawa (2008) evidenciaram, na sua investigação a partir de crianças com sete anos, que atividades cognitivamente estimulantes, exibições de carinho, cuidados físicos e atividades de cuidados diários por parte do pai estão associados a menores probabilidades de resultados cognitivos negativos na criança. Os autores defendem, também, que este envolvimento por parte dos pais-homens tem efeitos mais evidentes nas crianças de sexo masculino do que nas de sexo feminino, e que o pai tem tendência a envolver-se mais quando a criança apresenta alguma deficiência cognitiva. Nesta mesma linha, Pougnet e colaboradores (2011) sublinham que crianças com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos cujos pais-homens exercem um controlo parental precoce positivo e se envolvem com elas, apresentam um desenvolvimento cognitivo mais positivo, nomeadamente nas funções cognitivas não-verbais. Também Flouri e Buchanan (2004) demonstraram que a relação entre o envolvimento do pai e os resultados escolares e cognitivos da criança não é mediada pelo envolvimento da mãe, concluindo-se que tem um impacto direto.

Relativamente ao bem-estar psicológico, Grossman e colaboradores (2002) mostraram, a partir dum estudo longitudinal, que o suporte emocional e a existência de situações de brincadeira entre o pai e a criança, quando esta tem um ano de idade, estão relacionados com uma boa capacidade de ajustamento e adaptação ao meio e com baixos níveis de ansiedade, aos 10 e 16 anos de idades (Grossman et al., 2002). Igualmente numa perspetiva de efeito a longo prazo, Pougnet e colaboradores (2011) evidenciaram que crianças com pais-homens presentes e que exercem maior controlo precoce na vida dos seus filhos têm menores riscos de desenvolver problemas comportamentais futuros, sobretudo problemas internalizados. Estes dados são corroborados num estudo de Opondo, Redshaw e Quigley (2017), que demonstra que os pais-homens que se expressam emocionalmente, com atitudes responsivas para com os bebés no início das suas vidas, têm tendência a ter crianças com menos sintomas depressivos no futuro, nomeadamente nas idades de 9 e 11 anos. Relativamente aos problemas externalizados, os pais-homens aparentam ter um papel fundamental para a sua diminuição. Torres e colaboradores (2014) concluíram, no seu estudo com crianças entre os 36 e os

71 meses e suas famílias, que o envolvimento do pai em atividades *outdoor* com os filhos é um preditor para a aquisição de competências sociais por parte dos mesmos, e de menos problemas de comportamento externalizados, sobretudo no caso dos rapazes (Torres et al., 2014).

Quanto ao impacto nas competências sociais dos filhos, Verschueren e Marcoen (1999) evidenciaram no seu estudo, com crianças em idades pré-escolares, que o forte relacionamento dos filhos com o pai permite o estabelecimento de relações mais positivas com os pares, assim como um melhor ajustamento à realidade escolar. Webster, Low, Siller e Hackett (2013) realizaram um estudo para verificar o impacto que a qualidade da relação entre pais-homens e filhos, de 54 meses, poderá ter no desenvolvimento de competências sociais durante o período escolar. Os autores encontraram que pais que se envolvam de forma positiva e sensível e que brincam com os seus filhos quando estes têm 54 meses, têm crianças mais cooperantes, responsáveis e confiantes durante o período da escola primária. Demonstraram, também, que os pais-homens têm tendencialmente uma relação mais calorosa e sensível com as filhas do que com os filhos, no primeiro ano de escolaridade, que ajuda a promover os comportamentos sociais. Assim, segundo os autores, os comportamentos pró sociais das raparigas são mediados pela relação com o pai e desenvolvem-se mais precocemente do que no caso dos rapazes (Webster et al., 2013).

Para além dos pais biológicos, a literatura demonstra que a figura de pais sociais também desempenha um papel importante no desenvolvimento dos jovens. Jayakody e Kalil (2002) definem os pais sociais como pais não biológicos, podendo ser homens com algum grau de parentesco com a criança (e.g., avô, tio) ou homens que residem na mesma casa, nomeadamente numa relação amorosa com a mãe. Estes autores investigaram os eventuais benefícios da presença e do envolvimento de um pai social, na ausência dum pai biológico, em crianças entre os três e os seis anos. Foram avaliados efeitos no que toca às capacidades escolares e a aspetos do desenvolvimento social e emocional da criança. Os autores destacaram um efeito positivo nas capacidades escolares das crianças e na adaptação destas ao desafio que é a realidade escolar. Este efeito pode exercer-se de forma direta entre a criança e o pai social, ou indireta, através do apoio que o pai social dá à mãe da criança (auxílio material e apoio emocional) (Jayakody & Kalil, 2002).

Bzostek (2008) encontrou, também, que, em comparação com situações de ausência de qualquer figura paterna, um elevado nível de envolvimento do pai social residente está relacionado com menos problemas de comportamento na criança durante o seu desenvolvimento e com benefícios para a saúde desta, de um modo geral. O autor concluiu, igualmente, que o envolvimento do pai social tem efeitos tão benéficos como o do pai biológico (Bzostek, 2008).

Ao longo dos anos, têm-se desenvolvido programas de intervenção de apoio à parentalidade, com o objetivo de auxiliar os pais a superar algumas dificuldades no exercício da mesma. Estes demonstram trazer benefícios tanto para as crianças, como também para os pais (Bronte-Tinkew et al., 2007). Os programas criados (e.g., Anos Incríveis, de Carolyn Webster-Stratton) têm mostrado resultados positivos ao nível das competências parentais e do comportamento das crianças (Webster-Stratton et al., 2004). Concretamente,

os filhos dos pais-homens que participam neste tipo de programas tendem a demonstrar melhores resultados escolares e a aumentar as competências sociais nas interações (Burgess, 2009; Homem et al., 2014; Kaminski, Valle, Filene, & Boyle, 2008). Embora o objetivo principal dos programas seja promover o bem-estar das crianças, os próprios pais-homens beneficiam com a participação, apresentando melhorias nas suas competências comunicacionais, através da escuta ativa, que fortalece a ligação emocional entre pai e filho. Outros ganhos identificados são um maior conhecimento sobre as etapas do desenvolvimento dos seus filhos e um aumento de confiança, segurança e perceção de autoeficácia no seu papel de pai, reduzindo consequentemente as práticas parentais negativas (Baptista et al., 2017; Burgess, 2009; Homem et al., 2014; Kaminski, 2008; Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016). O próprio casal tende a sair beneficiado com esta participação, criando-se relações mais satisfatórias entre ambos os membros e solidificando a equipa parental (Burgess, 2009). Segundo Bront-Tinkew (2007), trata-se de um aspeto importante na medida em que a qualidade das relações dentro do casal influencia o desempenho da parentalidade.

Em suma, verifica-se que a presença dos pais-homens na vida dos filhos beneficia, de várias formas, o desenvolvimento dos últimos (Rosenberg & Wilcox, 2006). Neste contexto, importa compreender o modo como os pais se envolvem e participam em intervenções dirigidas à criança, assim como os contornos desse envolvimento (Thurstone, Hardin, & Decker, 2018; Thurstone & Phares, 2008).

1.3. Participação dos pais-homens em intervenções dirigidas à criança

Os indivíduos de sexo masculino são caracterizados, no senso comum, pela renitência em pedir ajuda quando passam por problemas nas suas vidas. Estereótipos populares retratam a relutância dos homens em perguntar por direções quando estão perdidos, as dificuldades em partilhar e mostrar vulnerabilidades com amigos e familiares e o evitar a procura de ajuda profissional (Addis & Mahalik, 2003).

Através de uma revisão da literatura, Addis e Mahalik (2003) puseram em destaque que homens de diferentes idades e etnias são, na sua maioria, menos inclinados do que as mulheres a procurar ajuda profissional para os seus problemas de saúde, sejam físicos ou mentais. Para os mesmos autores, esta relutância é menor face aos problemas mais amplos ou mais severos. Estes dados são reforçados pelo estudo de Juvrud e Rennels (2017), que visou analisar os estereótipos de género, nomeadamente quanto a atitudes de procura de ajuda. De acordo com os resultados deste estudo, os homens são vistos como pedindo menos ajuda tanto para problemas físicos como psicológicos, em comparação com as mulheres.

Um estudo realizado por Sharvit, Raviv e Rosenbalt-Stein (2008) demonstrou que, também no que concerne aos filhos, os pais-homens têm tendência a procurar menos ajuda e percecionam os problemas destes como sendo menos severos, quando comparados com as mães. De facto, vários estudos demonstram que a participação das mães é superior à dos pais em intervenções dirigidas à criança (Panter-Brick et al., 2014; Phares, Sherecce,

& Binitie, 2006). Thurstone e Phares (2008) concluíram que as mães têm atitudes mais positivas na procura de ajuda de serviços de saúde mental quando comparadas com os pais-homens, que tendem a ter atitudes menos favoráveis na procura deste tipo de ajuda, tanto para eles próprios como também para os seus filhos. Num outro estudo conduzido por Thurston e colaboradores (2018) observou-se que, em comparação com os pais, as mães são mais recetivas à procura de ajuda junto de pediatras, psicólogos, professores e líderes religiosos para problemas de comportamento internalizados nos seus filhos, e procuram mais a ajuda de pediatras e líderes religiosos para problemas de comportamento externalizados. Já no que diz respeito à procura de ajuda de psicólogos e professores para comportamentos externalizado, não se verificaram diferenças entre mães e pais. Também no que diz respeito aos programas de apoio à parentalidade, e apesar dos benefícios conhecidos do envolvimento do pai em tais programas (Burgess, 2009; Homem et al., 2014; Stahlshmidt et al., 2013), o número de pais-homens a aderir continua a ser reduzido, quando comparado com o de mães (Bront-Tinkew et al., 2007; Burgess, 2009; Stahlschmidt et al., 2013). Ainda que a adesão a programas de apoio à parentalidade em pais-homens seja reduzido, constata-se um elevado nível de envolvimento e comprometimento por parte dos mesmos que aderem a estes programas, assim como elevados níveis de satisfação para com o programa e os seus resultados (Homem et al., 2014).

Neste contexto, Beato, Barros e Pereira (2018) realizaram uma investigação com o objetivo de compreender o que mães e pais pensam sobre a ansiedade sentida pelos seus filhos, e se esses pensamentos estão ligados à procura de ajuda profissional. Os autores verificaram que os pais e as mães partilham crenças similares quanto às causas e ao impacto da ansiedade nas crianças. Porém, enquanto as mães acreditam que a ansiedade se vai manter ou agravar ao longo do tempo se não houver ajuda profissional, os pais acreditam que se trata de uma condição temporária.

Existem, ainda, inúmeras barreiras ao envolvimento do pai em intervenções dirigidas à criança, que continuam a dificultar a sua adesão a programas de apoio (Phares, Sherecce, & Binitie, 2006). A literatura nesta área aponta para algumas barreiras como o baixo envolvimento dos pais na vida dos seus filhos de forma geral, quando comparado com o envolvimento das mães, e o facto de os pais passarem mais horas fora de casa, no trabalho (Phares et al., 2006; Fletcher, May, St George, Stoker, & Oshan, 2014). De facto, esta questão dos horários, aliada a dificuldades de acessibilidade e à não disponibilização de *babysitting* nos locais onde são prestados os serviços, tem vindo a dificultar o envolvimento tanto de pais como de mães nos programas de apoio à parentalidade (Davis et al., 2015; Duppong-Hurley, Hoffman, Barnes, & Oats, 2016; Koerting et al., 2013; Smith, Koerting, Latter, Knowles, Mccann, & Thompson, 2015).

É também mencionado que a perceção que o próprio pai tem de que se envolveu pouco no desenvolvimento do seu filho pode influenciar o menor envolvimento numa intervenção, dado o sentimento de que a sua presença não é necessária para alcançar os objetivos da mesma. A perceção do problema como relativamente fácil de resolver pode, igualmente, diminuir a motivação do pai que, nessa situação, irá considerar a intervenção como uma perda de

tempo (Phares et al., 2006). Outra questão, esta de natureza cultural, prende-se com uma dificuldade específica de pais-homens que residam em meios rurais, sobretudo pela coibição em mostrar emoções, indo ao encontro dos padrões emocionais esperados para os homens nesse tipo de meio (Fletcher et al., 2014). Assim, a participação nestes programas pode trazer sentimentos de vergonha, associados ao medo de serem julgados e estigmatizados (Koerting et al., 2013; Smith et al., 2015). Para Sharvit e colaboradores (2008), a menor procura de ajuda por parte dos pais-homens pode estar relacionada com questões de estereótipos de género e também com a distribuição tradicional de papéis na família, em que o pai é encarado como tendo um menor envolvimento com os filhos do que a mãe.

Para além das barreiras dos próprios pais, existem também algumas que podem ser colocadas pelos terapeutas. Assim, alguns terapeutas podem considerar uma perda de tempo a tentativa de recrutar os pais-homens, por já esperarem que estes recusem participar. Acresce que os terapeutas podem considerar os pais-homens como pouco colaborativos, ou ter receio de vir a ter de lidar com conflitos parentais nas sessões, o que pode levar à marginalização dos pais-homens da intervenção (Phares et al., 2006).

Progressivamente, novas estratégias têm sido implementadas para atrair os pais-homens às intervenções que visam os seus filhos. Nomeadamente, no que toca aos grupos de apoio à parentalidade, a literatura tem destacado várias estratégias de envolvimento dos pais-homens nas sessões de treino parental (Burgess, 2009; Lechowicz et al., 2018; Maxwell, Scourfield, Holland, Featherstone, & Lee, 2012). Uma estratégia importante passa pelo recrutamento da figura paterna de forma direta e individual, e não de forma indireta através das mães, ao mesmo tempo que se procura fornecer informações acerca dos programas de apoio (Burgess, 2009; Maxwell et al., 2012). Nesta linha, é também importante passar uma mensagem clara, para ambos os pais, de que a presença dos pais-homens no programa é algo que é esperado à partida (Burgess, 2009). É também necessário assegurar que o conteúdo do programa de intervenção vá ao encontro das necessidades e preferências dos pais-homens, e que se promova o aumento do apoio organizacional para que estes tenham maior liberdade para se envolverem nos programas, procurando, por exemplo, realizar sessões fora do horário laboral ou, possivelmente, no domicílio. Por outro lado, é também necessário consciencializar os pais-homens que os principais beneficiários com sua participação nos programas serão as crianças, o que poderá aumentar o sentido de compromisso na sua participação (Burgess, 2009).

A partir da revisão de literatura efetuada por Lechowicz e colaboradores (2018), os autores sensibilizam para a necessidade de formação de “educadores” do género masculino, com o objetivo de facilitar uma prática inclusiva para a figura paterna e reduzir possíveis constrangimentos sentidos na participação em programas que são maioritariamente orientados por mulheres e dirigidos a mulheres. Os autores consideram igualmente importante a substituição de um modelo de défice, no qual os pais-homens são vistos como menos capacitados para cuidar dos seus filhos do que as mães, para um que perspetive de um modo mais positivo as capacidades parentais dos pais.

II - Objetivos

O objetivo geral da presente dissertação consistiu em caracterizar os pais-homens que aderem a programas de apoio à parentalidade, designadamente o programa Anos Incríveis Básico para pais.

Mais especificamente, pretendeu-se:

- i. Caracterizar do ponto de vista sociodemográfico os pais-homens que aderem ao programa (idade, profissão, situação profissional, escolaridade), assim como os seus filhos (género, idade) e o agregado familiar (nível socioeconómico, zona de residência e número de filhos).
- ii. Caracterizar os pais-homens que aderem ao programa quanto ao sentido de competência parental e comparar com as respetivas mães das crianças.
- iii. Descrever os pais-homens que aderem ao programa relativamente à perceção de características dos filhos (aptidões sociais e problemas de comportamentos) e comparar com as respetivas mães das crianças.
- iv. Avaliar a assiduidade dos pais-homens ao programa e os casos de *dropout*.
- v. Analisar possíveis relações entre variáveis sociodemográficas dos pais-homens e o sentido de competência parental e características percecionadas nos seus filhos (aptidões sociais e problemas de comportamento).
- vi. Comparar as mães que participaram acompanhadas pelos pais das crianças com as mães que participaram sozinhas no programa de apoio à parentalidade quanto ao sentido de competência parental e às características percecionadas nos seus filhos (aptidões sociais e problemas de comportamento).
- vii. Estudar os níveis de satisfação sentidos pelos pais-homens relativamente ao programa e comparar com os níveis das mães das mesmas crianças.

III - Metodologia

3.1. Procedimento de Recolha da Amostra

A amostra que serve de base à presente dissertação resulta de dados recolhidos previamente em dois estudos, nos quais se avaliou a eficácia e eficiência do programa Anos Incríveis Básico para pais (AI-P, Webster-Stratton, 2001) em famílias residentes no distrito de Coimbra. O primeiro estudo (Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016) assentou numa amostra de crianças consideradas em risco clínico, e o segundo (Baptista et al., 2017) numa amostra comunitária.

Do primeiro estudo (Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016), inserido num projeto apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/PSIPED/102556/2008), foram tomadas duas subamostras, diferenciando-se através do método de rastreio. Na primeira subamostra, que incluiu 124 crianças e as respetivas famílias (subamostra 1, recolhida entre 2009 e 2013), o recrutamento foi feito através do encaminhamento por outros profissionais, como médicos e psicólogos ($n = 64$), da referência pelos próprios pais ($n = 50$) e, ainda, da referência em ambiente pré-escolar (n

=10). Nesta primeira subamostra, foi somente utilizado o AI-P como forma de intervenção. A segunda subamostra (subamostra 2, recolhida em 2012 e 2013) foi recrutada em jardins-de-infância na mesma área geográfica, sendo constituída por crianças referenciadas pelas respetivas educadoras-de-infância. Esta subamostra incluía 35 crianças e as suas famílias, e nela foram usados como formas de intervenção, quer o programa AI-P, quer também o programa da série Anos Incríveis direcionado para os educadores de infância (TCM – *Teacher Classroom Management*) (Webster-Stratton, 2011). Neste primeiro estudo (subamostras 1 e 2) foi aplicado o Questionário de Capacidades e Dificuldades (*Strengths and Difficulties Questionnaire*, SDQ) para operacionalizar o critério de inclusão das crianças consideradas em risco de comportamento disruptivo e, conseqüentemente, elegíveis para o estudo, mesmo que não houvesse qualquer tipo de diagnóstico prévio. Assim, para serem selecionadas para o estudo, as crianças, com idades entre 3 e 6 anos, tinham de pontuar acima do percentil 80 nas subescalas de Hiperatividade e/ou Problemas de Conduta do SDQ, preenchido pelos pais. Constituíram critérios de exclusão o diagnóstico de défice cognitivo, neurológico ou de perturbação global do desenvolvimento, ou o facto de a criança já ser acompanhada com fármacos ou intervenção psicológica. Após a seleção das crianças para o estudo, seguiu-se a avaliação formal, com recurso a uma entrevista semiestruturada, e a aplicação do protocolo previamente definido.

O segundo estudo (Baptista et al., 2017), inserido num projeto apoiado por EEA *Grants* (PT06 - 51SM04), permitiu recolher a subamostra 3 (em 2015 e 2016). Foi conduzido em Centros de Saúde do distrito de Coimbra (Montemor-o-Velho, Arganil, Condeixa, Mirando do Corvo, Vila Nova de Poiares, Lousã, Celas, Santa Clara e São Martinho do Bispo), nos quais foi divulgada a realização de grupos de pais com o programa AI-P. Os grupos foram dinamizados por profissionais dos respetivos Centros de Saúde e por elementos da Associação Nacional de Intervenção Precoce (ANIP). Foram incluídas 82 crianças e as respetivas famílias, considerando-se como critério de inclusão somente a idade das crianças (entre os 3 e os 6 anos) e a frequência do ensino pré-escolar. Uma vez que, para a maioria dos dinamizadores, esta seria a primeira experiência de dinamização de grupos com o Programa, recomendou-se que não fossem incluídas famílias com crianças particularmente desafiantes (e.g., no espectro do autismo). Os pais interessados em aderir ao programa realizaram a sua inscrição de forma voluntária junto ao profissional responsável dos centros de saúde acima mencionados ou endereçando um *email* para o projeto. Nalguns casos foram os médicos e enfermeiros de família que sugeriram aos pais este programa de intervenção. Antes de se dar início ao programa, foram levadas a cabo entrevistas com as famílias, de forma a explicar em que consistiria a participação dos pais, esclarecer algumas questões trazidas por estes e, ainda, realizar a entrevista de anamnese e aplicar o protocolo de avaliação definido previamente.

Os dados analisados nesta dissertação dizem respeito à avaliação feita antes dos pais iniciarem a intervenção, com base nas variáveis sociodemográficas dos mesmos (idade, profissão, estatuto socioeconómico, escolaridade) e nas adaptações portuguesas dos instrumentos PSOC (Seabra-Santos et al., 2015) e ECIP-2 (Major & Seabra-Santos, 2014) e, depois da

intervenção, com base no questionário de satisfação com o programa AI-P (Webster-Stratton, 2001).

3.2. Descrição da Amostra

A amostra deste estudo é constituída por 314 cuidadores de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, que participaram no programa AI-P. Esta amostra já havia sido recolhida anteriormente, como é mencionado no ponto relativo ao Procedimento, e as várias subamostras foram utilizadas em investigações prévias que demonstraram, nomeadamente, a eficácia do programa na promoção de aptidões sociais e redução de problemas de comportamento nas crianças, e o aumento do sentido de competência parental e promoção de práticas parentais positivas nos pais (Baptista et al., 2017; Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016; Seabra-Santos, Gaspar, Homem et al., 2016). Os participantes são todos residentes em vários concelhos do distrito de Coimbra e aderiram de forma voluntária ao programa.

De entre os 314 participantes, 237 (75.5%) eram mães, 73 (23.2%) eram pais e quatro (1.3%) eram avós. Esta dissertação centrar-se-á em particular nos 73 pais-homens, distribuídos da seguinte forma entre as três subamostras: 42 (57.5%) na subamostra 1, dez (13.7%) na subamostra 2, e 21 (28.8%) na subamostra 3.

3.3. Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos

Em cada um dos estudos que serviram de base à presente dissertação os participantes preencheram breves questionários sociodemográficos, com o objetivo de se recolher informações necessárias para a respetiva caracterização. Os dados solicitados incluíam a idade e sexo da criança, as idades dos progenitores, seu estado civil, meio de residência, habilitações literárias, profissão e elementos constituintes do agregado familiar. O estatuto socioeconómico foi estratificado segundo a classificação desenvolvida para a população portuguesa por Almeida (1988) e atualizada, que considera três categorias: nível socioeconómico baixo (trabalhadores não diferenciados, assalariados por conta de outrem, na indústria, trabalho agrícola, na construção civil, cozinheiros, doméstica, com o máximo do 12ºano); médio (técnicos intermédios independentes, pescadores proprietários de embarcações, empresas de seguros e bancários, agentes de segurança, enfermeiros, com a escolaridade do 9ºano ao 12ºano de escolaridade, cursos médios, superiores ou pós-graduações/mestrados) e alto (grandes proprietários e empresários, gestores, profissionais intelectuais, profissões liberais, artistas, oficiais superiores das forças militares, com escolaridades compreendidas entre o 4ºano e a licenciatura, mestrado ou doutoramento). Na caracterização do estatuto socioeconómico da família utilizou-se o nível socioeconómico mais elevado de entre os dois progenitores. Foram igualmente, recolhidos dados de anamnese relativos à criança, os quais não são usados no contexto da presente dissertação.

Questionário de Capacidades e Dificuldades

O Questionário de Capacidades e Dificuldades (Goodman, 2001;

adaptação portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2005) tem como propósito o despiste comportamental de crianças e jovens com idades compreendidas entre os 2 e os 17 anos. A versão usada neste estudo foi a que respeita ao intervalo de idades dos 2 aos 4 anos, tendo sido preenchida a versão para pais (havendo também uma para professores/educadores). É composto por 25 itens distribuídos por cinco subescalas, cada uma delas com cinco itens. Quatro destas subescalas avaliam comportamentos negativos (Sintomas Emocionais, Problemas de Conduta, Hiperatividade e Problemas de Relacionamento com os outros) e a restante subescala avalia Comportamento Pró-social. Os itens são respondidos numa escala de três pontos: “Não é verdade” (0 pontos), “É um pouco verdade” (1 ponto)” e “É muito verdade” (2 pontos). A escala foi utilizada para operacionalizar o critério de inclusão na amostra do estudo com risco clínico, sendo este definido como uma pontuação acima do percentil 80 nas subescalas de Hiperatividade e/ou Problemas de Conduta nas crianças, o que significa um valor superior a 7 ou a 5, respetivamente, num máximo de 10 pontos (Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016). A consistência interna para o estudo anteriormente mencionado (Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016), foi de .46 para a escala de Problemas de Conduta e .66 para a escala Hiperatividade.

Escalas de Comportamento para a Idade Pré-Escolar

As Escalas de Comportamento para a idade Pré-Escolar (PKBS-2, Merrell, 2002; adaptação portuguesa, ECIP-2, de Major & Seabra-Santos, 2013) constituem um instrumento de avaliação de comportamentos composto por 80 itens, que tem como objetivo avaliar as competências sociais e problemas de comportamento em crianças em idade pré-escolar. O instrumento pode ser preenchido pelos pais, pelos professores ou por outro cuidador e inclui duas escalas separadas: 34 itens para a escala de competências sociais e 46 itens para a escala de problemas de comportamento. Os itens deste instrumento são respondidos através de uma escala de *Likert* com 4 pontos, que variam entre o “Nunca” ao “Muitas vezes” (Major & Seabra-Santos, 2014).

As ECIP-2 foram traduzidas e adaptadas ao contexto português por Major e Seabra-Santos (2014) e são compostas por três subescalas de Aptidões Sociais (Cooperação Social, Interação Social e Independência Social) e duas subescalas de Problemas de Comportamento (Problemas Exteriorizados e Problemas Interiorizados). Nos estudos de adaptação foram obtidos valores de consistência interna iguais a .88 para a escala das Aptidões Sociais, .95 para o Total da escala de Problemas de Comportamento, .94 para a subescala dos Problemas de Comportamento Externalizados e .86 para a subescala dos Problemas de Comportamento Internalizados. Quanto aos coeficientes de estabilidade temporal para as escalas, foram iguais a .72 e a .90 para o reteste após 3 semanas e a .69 e .87 para o reteste após 3 meses, respetivamente para as escalas de Aptidões Sociais e de Problemas de Comportamento.

Nesta dissertação, são analisados os resultados totais da escala de Aptidões Sociais, Problemas de Comportamento Exteriorizados, Problemas de Comportamento Interiorizados e Problemas de Comportamento Total, tendo sido obtidos valores de consistência interna para a amostra total

(considerando todos os participantes e não somente os pais) iguais a .90, .93, .84 e .93, respetivamente.

Escala de Sentido de Competência Parental

A escala de Sentido de Competência Parental (PSOC; Johnston & Mash, 1989; adaptação portuguesa de Seabra-Santos et al., 2015) é um instrumento composto por 17 itens de autorresposta sobre as perceções dos pais acerca das suas próprias competências parentais. Avalia duas dimensões do sentido de competência parental: Satisfação, dimensão afetiva que se reporta à frustração, ansiedade e motivação no desempenho do papel parental (9 itens); e Eficácia, dimensão de cariz instrumental, que se foca na competência, habilidade na resolução de problemas e capacidade no exercício do papel parental (7 itens). Os itens são respondidos através de uma escala *Likert* com 5 pontos, que varia entre o “Concordo plenamente” e “Discordo plenamente”. O resultado total e os resultados para cada uma das subescalas obtêm-se somando as cotações dos itens respetivos, invertendo as cotações quando necessário, com o objetivo de que a resultados mais elevados correspondam sempre níveis de sentido de competência parental maiores (Seabra-Santos et al., 2015). No estudo português sobre a PSOC (Seabra-Santos et al., 2015), confirmou-se a estrutura bifatorial da escala e obtiveram-se coeficientes alfa de Cronbach iguais a .80, .76 e .79, respetivamente para o resultado total, subescala de Satisfação e subescala de Eficácia. Relativamente aos coeficientes de alfa para a amostra desta dissertação (considerando todos os participantes e não somente os pais), os resultados são de .75 para a subescala de Satisfação, de .76 para a subescala de Eficácia, e de .78 para a escala total.

Questionário de Satisfação com o Programa Anos Incríveis

Após as 14 sessões realizadas durante o programa, os pais pontuaram a sua satisfação sobre diferentes aspetos do mesmo, através do preenchimento dum questionário de satisfação (Webster-Stratton, 2001, traduzido por Gaspar & Seabra-Santos) acerca do programa em geral, o grau de dificuldade e utilidade das metodologias utilizadas no programa (e.g., Prática das estratégias com o seu filho/a sua filha nas atividades de casa), o grau de dificuldade e utilidade das várias estratégias treinadas no decorrer do programa (e.g., Brincar; Comentários Descritivos/Dar Atenção; Elogiar/Recompensar), as competências dos dinamizadores dos grupos e, finalmente o próprio grupo de pais. O instrumento é composto por 53 itens e a sua escala de resposta inclui 7 pontos, em que um valor mais elevado significa maior satisfação com o programa (Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016). Neste estudo, irão ser analisados alguns dos indicadores considerados mais relevantes, nomeadamente em relação ao Programa (e.g., sentimentos quanto aos progressos do filho/a; recomendação do Programa a um amigo ou familiar), utilidade das Metodologias, utilidade de cada uma das Estratégias e avaliação dos Dinamizadores e do Grupo.

3.4. Descrição da Intervenção: Os Anos Incríveis Programa Básico para pais

O programa AI-P tem o objetivo de treinar pais para aumentar o uso de estratégias parentais positivas e consistentes, de forma a aumentar os comportamentos pró-sociais e competências sociais dos seus filhos e a diminuir os seus comportamentos problemáticos. O programa aborda quatro conteúdos fundamentais: brincar seguindo as pistas das crianças; elogio e reforço positivo eficaz; estabelecimento eficaz de limites através de regras claras, rotinas previsíveis e ordens específicas; e lidar com os problemas de comportamento dos filhos de forma respeitadora. No programa AI-P é colocada uma grande ênfase na abordagem através do processo colaborativo e no apoio fornecido pelos pares, envolvendo métodos de aprendizagem ativos como exercícios práticos (*role-play*) e o modelamento através do visionamento de vídeos retratando momentos de interações reais entre pais e filhos, de forma a proporcionar o envolvimento do grupo e a fomentar a discussão, a autorreflexão e a resolução de problemas. Assim, as várias sessões contam com uma estrutura idêntica, incluindo a revisão da sessão anterior, *feedback* e discussão acerca das atividades realizadas em casa pelos pais (estes dois pontos somente a partir da segunda sessão), introdução de um novo tópico, apresentação de excertos de vídeos legendados ilustrando situações de interação entre pais e filhos, discussão em grupo e prática de novas estratégias (através de *role-plays* por exemplo). Com o objetivo de promover o contacto entre os participantes e para reforçar a rede entre os pais, estes são encorajados a contactar entre si entre as sessões (Webster-Stratton, 2001).

A intervenção foi realizada durante 14 semanas, com uma sessão semanal de duração média de 2 horas, em grupos de 9 a 12 pais. Na maior parte dos casos as sessões tiveram lugar durante a tarde, depois do horário laboral (18h-20h), em que tanto os pais como as mães eram fortemente encorajados a participar. Fazendo parte das metodologias facilitadoras do próprio programa, de forma a incentivar a presença dos pais, foi disponibilizado *babysitting* para as crianças, enquanto os pais estavam nas sessões, e lanches para os pais e para as crianças (Seabra-Santos, Gaspar, Homem et al., 2016).

3.5. Procedimentos de Análise de Dados

O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22 para Windows. Em primeiro lugar, foram realizados cálculos de estatística descritiva (médias e desvios padrão) e de frequências (frequências simples e percentagens) de forma a caracterizar a amostra de pais-homens, assim como os seus filhos e agregado familiar. O teste *t* de Student para amostras independentes foi utilizado para comparar o grupo de pais com o grupo de mães, quanto a variáveis contínuas como a idade, número de filhos ou o número de sessões em que participaram. O mesmo teste foi usado para comparar os resultados da PSOC e das ECIP-2 entre mães que participaram acompanhadas e mães que participaram sozinhas, assim como os resultados da satisfação para com o programa e com as estratégias deste entre pais-homens de crianças mais ou

menos disruptivas. Recorreu-se ao teste *t* de Student para amostras emparelhadas para comparar os resultados da PSOC e das ECIP-2 entre pais e mães das mesmas crianças, assim como os níveis de satisfação com o programa em geral e as estratégias treinadas. Utilizou-se o teste do Qui-Quadrado para a comparação de variáveis categoriais, tais como a Escolaridade, as categorias profissionais, situação profissional e o número de casos de *dropout* entre pais e mães. O mesmo teste foi utilizado para fazer a comparação entre pais acompanhados pelas mães e as mães que participaram sozinhas quanto à zona de residência e o nível socioeconómico. Com o propósito de avaliar a consistência interna dos instrumentos (PSOC; ECIP-2) para a amostra estudada, foram calculados coeficientes alfa de Cronbach, para a amostra total e separadamente para pais. Para verificar a existência de relações entre as variáveis sociodemográficas dos pais e os respetivos resultados nos dois instrumentos acima referidos, foram calculadas correlações de Pearson.

IV - Resultados

A apresentação dos resultados encontra-se organizada em cinco pontos. No primeiro ponto (a) são apresentados os resultados das análises descritivas das variáveis sociodemográficas dos pais-homens que participaram nas sessões de grupo do programa AI-P (idade, escolaridade, categoria profissional), das respetivas crianças (género, idade), assim como das famílias (nível socioeconómico, local de residência, número de filhos). Em seguida (ponto b) expõem-se os resultados dos pais-homens na linha-de-base, isto é, antes de terem frequentado o programa, decorrentes do preenchimento da Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC) e das Escalas de Comportamento para a Idade Pré-Escolar – 2ª Edição (ECIP-2). No ponto (c) apresentam-se os resultados de análises relativas à assiduidade dos pais-homens às sessões do programa, bem como dos respetivos níveis de *dropout*. No ponto seguinte (d) são descritos e comparados os resultados obtidos nestas mesmas escalas por mães que participaram nos grupos acompanhadas pelos pais, com os das mães que participaram sozinhas. Por último (ponto e), são analisados dados relativos ao nível geral de satisfação com o programa. Sempre que relevante, são feitas comparações entre os resultados obtidos pelos pais-homens e os equivalentes referentes às mães.

a) Caracterização sociodemográfica dos pais

Tabela 1. Descrição e comparação de dados sociodemográficos de pais e mães

		N (%)	N (%)	N (%)			
		Total	Pais	Mães	<i>t/χ²</i>	<i>p</i>	Dados Nacionais PORDATA %
Idade	[22-31[47 (15.2)	7 (9.7)	40 (16.9)	-1.83	.069	
	[32-41[218 (70.6)	56 (77.8)	162 (68.4)			
	[42-49[44 (14.2)	9 (12.5)	35 (14.8)			
			<i>M</i> =37.06; <i>DP</i> =4.13 Min: 28; Máx: 46	<i>M</i> =35.97; <i>DP</i> =5.13 Min: 22; Máx: 49			
Categorias Profissionais ³							
	Dirigentes e Quadros e Superiores + Profissionais Intelectuais e Científicos ¹	135 (49.82)	33 (48.53)	102 (50.75)	14.93	.011	21.11
	Profissionais e Técnicos de nível intermédio	37 (13.65)	14 (20.59)	23 (11.44)			10.19
	Pessoal administrativo e similares	21 (7.75)	5 (7.35)	16 (7.96)			8.1
	Pessoal dos serviços e vendedores	53 (19.56)	7 (10.29)	45 (22.39)			16.5
	Trabalhadores da agricultura e pesca + operários, artífices + operadores máquinas + não-qualificados ²	25 (9.22)	9 (13.24)	15 (7.46)			43.54
Situação Profissional ⁴							
	Empregado	269 (87.6)	68 (95.8)	201 (85.2)	5.66	.017	
	Desempregado	38 (12.4)	3 (4.2)	35 (14.8)			12.4
Escolaridade ⁵							
	1º e 2º Ciclo	14 (4.5)	2 (2.8)	12 (5.1)	1.86	.762	40.9
	3º Ciclo	47 (15.2)	12 (16.7)	35 (14.8)			22.5
	Ensino Secundário	74 (23.9)	20 (27.8)	54 (22.8)			18.3
	Bacharelato/Licenciatura	141 (45.6)	32 (44.4)	109 (46.0)			12.2
	Grau Académico Superior à Licenciatura	33 (10.7)	6 (8.3)	27 (11.4)			

¹ Junção das categorias profissionais "Dirigentes e quadros e superiores" e "Profissionais intelectuais e científicos"

² Junção das Categorias Profissionais "trabalhadores da agricultura e da pesca", "operários, artífices e similares", "operadores de instalações e máquinas" e trabalhadores não qualificados".

³ Referência PORDATA (2019a): População empregada: total e por profissões

⁴ Referência PORDATA (2019c): Taxa de desemprego: total e por sexo (%) - quantos homens ou mulheres desempregados/as existem por cada 100 ativos? Taxa de emprego: total e por sexo (%) - Qual a percentagem de homens ou mulheres com 15 e mais anos que trabalha?

⁵ Referência PORDATA (2019b): População residente do sexo masculino com 15 e mais anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%)

Observando a Tabela 1, verificamos que as idades dos pais estão compreendidas entre os 28 e os 46 anos ($M = 37.06$; $DP = 4.13$), e que as idades das mães estão compreendidas entre os 22 e os 49 anos ($M = 35.97$; $DP = 5.13$). Embora os pais sejam um pouco mais velhos, a diferença não atinge a significância estatística ($p = .069$). A categoria profissional na qual tanto pais como mães maioritariamente se inserem é a que junta “Dirigentes e Quadros Superiores” + “Profissionais Intelectuais e Científicos” (48.53% e 50.75% para pais e mães, respetivamente). É possível verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre pais e mães na variável “categorias profissionais”, $\chi^2 (8, N = 309) = 14.928, p = .011$. Esta pode ser explicada pelas diferenças de percentagens nas categorias “profissionais e técnicas de nível intermédio” e “trabalhadores de agricultura e pesca, operários, artífices, operadores e similares”, onde os pais estão mais representados do que as mães, e na categoria “pessoal de serviços e vendedores”, onde se verifica a situação inversa. Comparou-se ainda a situação profissional dos dois grupos, $\chi^2 (2, N = 309) = 5.660, p = .017$, tendo-se observado uma percentagem de desempregados bastante mais pequena nos pais do que nas mães. Quanto à escolaridade, esta varia entre o 1º-2º ciclos e grau académico superior à licenciatura, existindo uma maior percentagem tanto de pais como de mães que completaram o/a Bacharelato/Licenciatura (44.4% e 46.0%, respetivamente). A comparação entre os dois grupos quanto a esta variável não revelou diferenças estatisticamente significativas ($p = .762$). Destacar ainda que 71 dos 73 pais-homens participaram no programa acompanhados pelas mães das respetivas crianças.

Comparando a amostra dos pais com os dados nacionais (dados retirados de PORDATA, todos eles médias das percentagens entre os anos 2009-2016), é possível verificar que os pais-homens participantes deste estudo têm características diferentes da população nacional. Assim, exercem profissões mais diferenciadas, na categoria “dirigentes e quadros e superiores + profissionais intelectuais e científicos” (46.5%) quando comparados com a população nacional (21.11%) (PORDATA, 2019a). Relativamente à escolaridade, é possível verificar que uma percentagem significativamente mais expressiva de pais-homens da nossa amostra concluíram o bacharelato, a licenciatura ou um grau académico superior (52.7%), quando comparados com a população masculina (12.2%) (PORDATA, 2019b). A percentagem de desemprego entre os pais-homens (4.2%) situa-se abaixo da média nacional para os homens nas datas de referência (12.4%) (PORDATA, 2019c).

Na Tabela 2 são apresentados os elementos de caracterização das crianças cujos pais-homens participaram nos grupos de intervenção parental com o programa Anos Incríveis, quanto ao sexo e idade. Da consulta desta tabela é possível verificar que as crianças são maioritariamente do sexo masculino (65.8%). Relativamente às idades, existem mais crianças com 4 anos, comparativamente com outras idades ($M = 4A,7M$; $DP = 11.33M$).

Tabela 2. Características sociodemográficas das crianças cujos pais-homens participaram em grupos

	<i>N</i>	%
Sexo		
Masculino	48	65.8
Feminino	25	34.2
Idade		
3A	20	27.4
4A	25	34.2
5A	22	30.1
6A	6	8.2

M (em anos e meses) = 4A, 7M; *DP* (em meses) = 11.33M

A Tabela 3 apresenta a caracterização das famílias quanto ao nível socioeconómico (NSE) e quanto à zona de residência. O NSE foi classificado como “Baixo”, “Médio” ou “Alto”, tendo em conta uma adaptação da tipologia definida por Almeida (1988) com base na profissão e na escolaridade, anteriormente descrita (cf. Instrumentos). Para classificar a zona de residência, tomou-se como referência a Tipologia de Áreas Urbanas (2014), a qual discrimina três tipos de áreas: Predominantemente Urbana, Medianamente Urbana e Predominantemente Rural. A consulta da Tabela 3 permite concluir, quanto às características sociodemográficas das famílias dos pais-homens participantes nos grupos, que a maioria destas famílias tem um nível socioeconómico médio (52.1%), e que habitam em áreas predominantemente urbanas (82.2%). Verifica-se ainda que a maioria destas famílias têm dois filhos (55.6%), existindo ainda algumas com apenas um (37.5%).

Tabela 3. Caracterização sociodemográfica da família

	<i>N</i>	%
Nível Socioeconómico		
Baixo	11	15.1
Médio	38	52.1
Alto	24	32.9
Caracterização da zona de residência ¹		
APU	60	82.2
AMU	12	16.4
APR	1	1.4
Número de Filhos		
1	27	37.5
2	40	55.6
3	5	6.9

1. APU = Área Predominantemente urbana; AMU = Área Medianamente Urbana; APR = Área Predominantemente Rural

Na Tabela 4 é feita a comparação entre as famílias em que ambos os pais participaram nos grupos (isto é, os pais-homens participaram com as mães) e aquelas em que as mães participaram sozinhas, quanto ao nível

socioeconómico e à zona de residência. Através da análise da tabela verifica-se que os dois tipos de famílias não diferem significativamente entre si em relação às variáveis. Contudo, observa-se uma tendência no sentido de haver maior percentagem de famílias da classe média do que de classe baixa nos casos em que ambos participaram (50.0% vs. 41.9% da classe média e 15.7% vs. 27.7% da classe baixa, respetivamente). Nas famílias em que ambos os pais participaram observa-se, igualmente, uma menor percentagem de residentes em meio rural (1.4% vs. 7.4%, respetivamente). No sentido de explorar melhor esta tendência, repetiu-se o teste do qui-quadrado, mas agrupando as categorias “médio” e “alto”, para o nível socioeconómico, de forma a comparar com a categoria baixo. Com esta junção, existe evidência de diferenças estatísticas significativas, $\chi^2(2, N = 217) = 3.49, p = .043$, salientando a existência de mais famílias de nível socioeconómico baixo nos casos em que as mães frequentaram o programa sozinhas. O mesmo método foi seguido para a caracterização da zona de residência, unindo a categoria “área predominantemente urbana” com a “área medianamente urbana”, de forma a comparar com a categoria “área predominantemente rural”. Nesta análise não se verificaram diferenças significativas. Os dois tipos de famílias (ambos os pais no grupo ou só a mãe) foram, ainda, comparados quanto ao número de filhos, não se tendo verificado diferenças estatisticamente significativas, $t(215) = -.78, p = .228$.

Tabela 4. Comparação sociodemográfica entre famílias em que ambos os pais participaram nos grupos / as mães participaram sozinhas

	Pais com mães (N=71) N (%)	Mães sozinhas (N = 148) N (%)	t/ χ^2	p
Nível socioeconómico da família				
Baixo	11 (15.7)	41 (27.7)	3.63	.163
Médio	35 (50.0)	62 (41.9)		
Alto	24 (34.3)	45 (30.4)		
Caracterização da zona de residência ¹				
APU	58 (81.7)	118 (79.7)	3.80	.150
AMU	12 (16.9)	19 (12.8)		
APR	1 (1.4)	11 (7.4)		
Número de filhos ²				
1	27 (38.6)	70 (47.6)	-.78	.228
2	38 (54.3)	66 (44.9)		
3	5 (7.1)	9 (6.1)		
4	-	2 (1.4)		

1. APU = Área Predominantemente urbana; AMU = Área Medianamente Urbana; APR = Área Predominantemente Rural

2. Comparação efetuada através do teste t de Student

b) Análise e comparação dos resultados dos instrumentos na linha-de-base

Os resultados relativos ao preenchimento da Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC) pelos pais, antes de estes iniciarem o programa, estão sistematizados na Tabela 5, que apresenta, igualmente, a comparação com as mães das mesmas crianças (comparação efetuada através do teste *t* de Student para amostras emparelhadas). Os valores dos coeficientes alfa de Cronbach da PSOC, calculados especificamente para a amostra dos pais-homens, permitiu concluir que a consistência interna deste instrumento para esta amostra é satisfatória (.70, .68 e .73, respetivamente para as subescalas de Satisfação, de Eficácia e para a escala completa).

Tabela 5. Comparação entre pais e mães quanto aos resultados na PSOC

Subescalas e escala total	Pais (<i>n</i> = 67)		Mães (<i>n</i> = 67)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Satisfação	31.79	4.48	30.97	5.02	-1.16	.250
Eficácia	23.81	3.34	23.64	4.28	-.27	.786
PSOC Total	55.69	6.34	54.61	7.88	-1.01	.317

Tal como se pode observar na Tabela 5, os pais e mães não apresentam entre si diferenças estatisticamente significativas quanto ao sentido de competência parental, antes de iniciar o programa. Porém, é possível verificar que, tanto os pais como as mães, apresentam níveis mais baixos de sentido de competência parental, quando comparados com uma amostra portuguesa de referência (*M* = 34.03, *DP* = 5.09; *M* = 26.24, *DP* = 3.70; *M* = 60.28, *DP* = 7.01; respetivamente para as subescalas Satisfação e Eficácia e para a escala total; Seabra-Santos, 2015).

Tabela 6. Correlações entre variáveis sociodemográficas dos pais-homens e resultados na PSOC (*n*=69)

	PSOC		
	Satisfação	Eficácia	Escala Total
Idade	.08	-.24	-.08
Escolaridade	.14	-.22	-.02

Correlacionando variáveis sociodemográficas com os resultados da PSOC (Tabela 6), é possível verificar que a subescala Eficácia apresenta uma correlação negativa baixa, mas significativa com a idade do participante ($r_{(67)} = -.24$; $p = .045$), apontando que quanto maior for a idade, mais baixos são os resultados nessa subescala. O resultado da subescala de eficácia também se correlaciona negativamente com o grau de escolaridade, embora não atingindo a significância estatística ($r_{(68)} = .22$; $p = .072$).

Na Tabela 7, estão sistematizados os resultados do preenchimento das Escalas de Comportamento para a Idade Pré-escolar (ECIP-2), antes de os pais iniciarem o programa, assim como a comparação com os resultados das mães

das mesmas crianças (efetuada através do teste *t* de Student para amostras emparelhadas). Foram calculados os valores dos coeficientes alfa de Cronbach das ECIP-2, especificamente para a amostra dos pais-homens, o que permitiu concluir que os índices de consistência interna deste instrumento para esta amostra são muito bons (.90, .92, .92, e .82, respetivamente para as escalas de Aptidões Sociais e de Problemas de Comportamento Total, e para as subescalas de Problemas de Comportamento Externalizados e Problemas de Comportamento Internalizados).

Tabela 7. Comparação entre pais e mães quanto aos resultados nas ECIP-2

Subescalas	Pais (<i>n</i> = 67)		Mães (<i>n</i> = 67)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Aptidões Sociais	77.76	10.25	76.28	10.22	-.97	.336
Problemas de Comportamento Externalizados	47.53	12.32	52.15	13.61	3.33	.001
Problemas de Comportamento Internalizados	19.35	6.72	19.75	7.28	.51	.613
Problemas de Comportamento Total	66.62	16.73	71.90	18.16	2.87	.005

Os resultados apresentados na Tabela 7 permitem verificar que, quando comparados com as mães, os pais pontuam menos na subescala Problemas de Comportamento Externalizados $t(67) = 3.326, p = .001$, e que esta diferença é estatisticamente significativa. Este resultado reflete-se na escala Problemas de Comportamento Total, em que respostas de pais e de mães diferem também significativamente $t(67) = 2.87, p = .005$, com os pais a pontuarem as crianças como tendo menos problemas de comportamento. Tanto na escala das Aptidões Sociais como na subescala dos Problemas de Comportamento Internalizados, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

Comparando as médias dos pais-homens deste estudo com os dados de uma amostra portuguesa de referência (Major, 2011), podemos verificar que a média das respostas dos pais na escala das Aptidões Sociais é consideravelmente mais baixa ($M=86.27, DP=9.02$). Relativamente à escala dos Problemas de Comportamento, e das duas subescalas Problemas de Comportamento Externalizados e Internalizados, os pais-homens desta amostra sinalizam de forma significativa este tipo de problemas (dados comparativos do estudo: $M=44.45, DP=19.34$; $M=29.29, DP=13.64$; $M=15.25, DP=7.27$; para o Total de Problemas de Comportamento e subescalas Problemas de Comportamento Externalizados e Internalizados, respetivamente). Enquadrando os resultados dos pais-homens deste estudo, a pontuação na escala das Aptidões Sociais encontra-se fora do intervalo do risco clínico, mas na subescala Problemas de Comportamento Externalizados encontra-se já dentro do risco moderado (correspondente a pontuações entre 46 e 55). Na escala Problemas de Comportamento, verifica-se a mesma situação, com a média de respostas dos pais-homens a situar-se também num nível muito próximo do risco moderado (equivalente a pontuações entre 67 e 80), quando comparada com a amostra de aferição (Major, 2011).

Tabela 8. Correlações entre a Escala de Comportamento para a Idade Pré-Escolar e variáveis sociodemográficas dos pais (n = 69)

	ECIP-2			
	AS	PCT	PC EXT	PC INT
Idade	-.08	-.04	.01	-.11
Escolaridade	.12	-.03	-.05	.01

Nota: AS = Escala de Aptidões Sociais; PC Total = Escala de Problemas de Comportamento Total; PC EXT = Subescala de Problemas de Comportamento Externalizados; PC INT = Subescala de Problemas de Comportamento Internalizados

Relativamente às correlações calculadas entre algumas variáveis sociodemográficas dos pais (idade e escolaridade) e as escalas e subescalas das ECIP-2 (Tabela 8), não se verificaram correlações significativas. Todas as correlações apresentadas podem-se considerar, positiva e negativamente, fracas sem atingirem a significância estatística.

c) Participação nos grupos de pais Anos Incríveis

A Tabela 9 apresenta a descrição dos níveis de assiduidade do programa e os casos de *dropout* dos pais, assim como a comparação com as mães que participaram no programa, relativamente a estas variáveis. Neste estudo, foram considerados casos de *dropout* os pais que não foram a mais de três das 14 sessões do programa, e todas elas na primeira metade (isto é, até à sessão 7). Verifica-se que a grande maioria dos pais (72.9%) aderiram a 10 ou mais sessões do programa, havendo apenas 8.6% participaram em 5 ou menos sessões. Não se registam diferenças significativas entre pais e mães quanto à assiduidade ($p = .075$). O mesmo sucede relativamente aos casos de *dropout* do programa, $\chi^2(1, N = 284) = .12, p = .468$, em que tanto pais como mães registaram percentagens muito baixas (na ordem de 5%). Comparou-se, igualmente, o nível de assiduidade das mães que participaram conjuntamente com os pais, com os das mães que participaram sozinhas no programa. Não se registaram diferenças significativas entre as primeiras ($M = 11.65$; $DP = 2.804$) e as segundas ($M = 11.04$; $DP = 3.21$), $t(208) = -1.36, p = .175$.

Tabela 9. Assiduidade e Dropout

	N (%)	N (%)	N (%)	t/χ^2	p
	Total	Pais	Mães		
Número de sessões em que participaram ¹					
≤5	21 (7.5)	6 (8.6)	15 (7.1)	1.79	.075
6-9	40 (14.3)	13 (18.5)	27 (12.9)		
10≥	219 (78.2)	51 (72.9)	168 (80)		
		$M=10.47$ $DP=3.412$	$M=11.25$ $DP=3.082$		
<i>Dropout</i>					
Sim	14 (4.9)	4 (5.7)	10 (4.7)	.12	.468
Não	270 (95.1)	66 (94.3)	204 (95.3)		

¹Comparação efetuada através do teste t de Student

Correlacionou-se a assiduidade dos pais-homens às sessões com o sentido de competência parental antes de iniciarem o programa, não se tendo observado relações significativas ($r_{(65)} = .06, p = .643; r_{(65)} = .08, p = .543; r_{(65)} = .08, p = .513$, para as subescalas de Satisfação, de Eficácia e escala total respetivamente). A assiduidade mostrou-se significativamente correlacionada, de forma positiva mas fraca, com os resultados da subescala Problemas de Comportamento Externalizados ($r_{(65)} = .26, p = .037$), refletindo uma maior assiduidade às sessões por parte de pais que identificaram mais este tipo de problemas de comportamento nos seus filhos. Relativamente às restantes escalas e subescalas das ECIP-2, não se verificaram correlações significativas ($r_{(64)} = -.05, p = .673; r_{(65)} = .16, p = .186; r_{(65)} = -.06, p = .624$, para as escalas de Aptidões Sociais e de Problemas de Comportamento, e subescala de Problemas de Comportamento Internalizados, respetivamente).

d) Comparação entre mães que participaram sozinhas e mães que participaram acompanhadas pelos pais

Nas tabelas 10 e 11, são apresentadas as comparações entre as mães que frequentaram o programa de intervenção acompanhadas pelos pais das crianças e mães que frequentaram sozinhas, quanto aos resultados na PSOC e ECIP-2 (linha-de-base). Tal como se pode observar, os dois grupos não se distinguem quanto às respostas na PSOC (Tabela 10).

Tabela 10. Comparação entre mães que participaram com os pais e mães sozinhas quanto aos resultados na PSOC

Subescalas e escala total	Mães acompanhadas (<i>n</i> = 70)		Mães sozinhas (<i>n</i> = 139)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Satisfação	30.89	4.93	31.59	5.23	.94	.351
Eficácia	23.59	4.17	24.01	4.20	.69	.489
Escala Total	54.48	7.72	55.60	7.40	1.03	.305

Já comparando as pontuações nas ECIP-2 entre mães que vieram acompanhadas pelos pais das crianças e mães que vieram sozinhas aos grupos (Tabela 11), é possível verificar diferenças estatisticamente significativas na subescala Problemas de Comportamento Externalizados, $t(215) = -3.14, p = .002$ e também na escala Problemas de Comportamento Total, $t(215) = -2.52, p = .012$. Relativamente a estes resultados, as mães que vieram acompanhadas registaram mais problemas nas suas crianças do que as mães que vieram sozinhas.

Tabela 11. Comparação entre mães que participaram com os pais e mães sozinhas nas ECIP-2

Subescalas e escala total	Mães acompanhadas (n = 71)		Mães sozinhas (n = 144)		t	p
	M	DP	M	DP		
Aptidões Sociais	76.14	10.36	77.55	10.66	.93	.353
Problemas de Comportamento Externalizados	52.19	13.57	45.76	14.61	-3.14	.002
Problemas de Comportamento Internalizados	19.53	7.30	18.95	7.58	-.54	.588
Problemas de Comportamento Total	71.73	17.95	64.71	20.07	-2.52	.012

e) Comparação entre pais e mães quanto ao nível geral de satisfação com o programa AI

Neste parâmetro, são apresentados e comparados resultados quanto à satisfação com o programa, entre pais e mães das mesmas crianças (através do teste *t* de Student para amostras emparelhadas; Tabelas 12 e 13), assim como a comparação dos resultados entre pais com crianças mais ou menos problemáticas, quanto aos níveis de satisfação com as estratégias treinadas (Tabelas 14 e 15).

Tabela 12. Comparação entre pais e mães das mesmas crianças quanto à satisfação com o Programa AI

	Pais (n = 57)		Mães (n = 57)		t	p
	M	DP	M	DP		
Programa	6.35	.39	6.38	.38	.55	.588
Metodologias	6.28	.48	6.44	.45	2.09	.041
Dinamizadores	6.79	.29	6.89	.19	2.18	.033
Grupo de pais	6.42	.48	6.48	.51	.75	.459
Estratégias treinadas	6.51	.51	5.92	.89	-4.33	.000

Na Tabela 12 é possível observar, desde logo, que as pontuações de pais e de mães são ambas muito elevadas, considerando que a escala pontua entre 1 e 7 para cada item. Verifica-se que os pais e as mães apresentam níveis de satisfação significativamente diferentes, com as mães a pontuarem mais do que os pais na satisfação com as metodologias do programa, $t(55) = 2.61$, $p = .041$, e com os dinamizadores, $t(56) = 2.18$, $p = .033$. Já relativamente à satisfação com as estratégias e técnicas específicas treinadas, são os pais que pontuam significativamente mais que as mães, $t(51) = -4.33$, $p = .000$.

Tabela 13. Comparação entre pais e mães quanto à satisfação com as estratégias treinadas no programa AI

Estratégias	Pais (<i>n</i> = 55)		Mães (<i>n</i> = 55)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Brincar	6.64	.75	6.33	.90	-2.05	.046
Comentários	6.49	.64	6.20	.89	-2.09	.041
Elogios	6.76	.51	6.65	.65	-1.10	.277
Ignorar	6.40	.74	5.35	1.42	-4.84	.000
Ordens	6.44	.69	5.58	1.62	-3.67	.001
Tempo de Pausa	6.06	1.05	5.06	1.65	-3.52	.001

Da análise dos dados apresentados na Tabela 13 ressaltam diferenças estatisticamente significativas entre pais e mães (das mesmas crianças) no que diz respeito à satisfação com as várias estratégias treinadas, com exceção dos Elogio, igualmente valorizado por ambos. Quanto às restantes estratégias, os pais revelam um maior grau de satisfação do que as mães, sobretudo no que diz respeito a estratégias orientadas para a redução de comportamentos negativos das crianças (ignorar, dar ordens eficazes e tempo de pausa).

Tabela 14. Comparação entre pais-homens de crianças avaliadas como mais ou menos problemáticas quanto à satisfação com o programa AI

	Pais				<i>t</i>	<i>p</i>
	Abaixo do Ponto de Corte ECIP-2 ¹ (<i>n</i> = 25)		Acima do Ponto de Corte ECIP-2 ¹ (<i>n</i> = 33)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Problemas	5.96	.74	6.45	.56	-2.90	.005
Progressos	6.12	.73	6.55	.79	-2.10	.041
Difusão	5.88	.93	6.42	.90	-2.25	.029
Expectativas	6.20	.50	6.55	.62	-2.35	.022
Metodologias	6.48	.51	6.58	.50	-.72	.478
Recomendação	6.88	.44	7.00	.00	-1.37	.185
Competência Atual	5.84	.37	5.97	.53	-1.04	.302
Competência Futura	5.84	.37	6.06	.50	-1.86	.069
Sentimentos	6.44	.51	6.84	.37	-3.35	.002

¹ Ponto de corte 46 para Risco Moderado na subescala Problemas de Comportamento Externalizados das ECIP-2

Os dados da comparação, quanto ao grau de satisfação com o programa AI-P, entre pais-homens que pontuaram as suas crianças acima ou abaixo do ponto de corte para risco na subescala Problemas de Comportamento Externalizados, encontram-se apresentados na Tabela 14. Inicialmente, é possível verificar que os pais de ambos os grupos pontuam de forma elevada, tendo por base a escala de resposta do questionário (1-7). Os pais de crianças consideradas mais problemáticas pontuaram todos os itens com classificações superiores aos do outro grupo de pais-homens, sendo salientes várias diferenças estatisticamente significativas. Assim, estas diferenças surgem nos itens relativos à melhoria dos problemas das crianças ($t = -2.90$, $p = .005$), aos

progressos realizados ($t = -2.10, p = .041$), à difusão da ajuda do programa a outras áreas da esfera pessoal e familiar ($t = -2.25, p = .029$), às expectativas presentes quanto aos bons resultados do programa ($t = -2.35, p = .022$) e aos sentimentos em relação ao programa ($t = -3.35, p = .002$). Já no que diz respeito à satisfação com as diferentes estratégias de parentalidade positiva desenvolvidas durante o programa, não foram identificadas diferenças entre os dois grupos de pais (Tabela 15).

Tabela 15. Comparação entre pais-homens de crianças avaliadas como mais e menos problemáticas quanto à satisfação com as estratégias treinadas no programa AI

Estratégias	Pais				<i>t</i>	<i>p</i>
	Abaixo do Ponto de Corte ECIP-2 ¹ (<i>n</i> = 25)		Acima do Ponto de Corte ECIP-2 ¹ (<i>n</i> = 33)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Brincar	6.76	.52	6.59	.86	.89	.379
Comentários	6.48	.59	6.44	.71	.22	.823
Elogios	6.72	.46	6.79	.54	-.56	.580
Ignorar	6.36	.86	6.32	.81	.17	.868
Ordens	6.36	.64	6.44	.86	-.40	.692
Tempo de Pausa	5.92	1.12	6.09	1.04	-.60	.551

¹ Ponto de corte 46 para Risco Moderado na subescala Problemas de Comportamento Externalizados das ECIP-2

V - Discussão

O objetivo principal desta dissertação consistiu em caracterizar os pais-homens que frequentaram um programa de apoio à parentalidade disponibilizado de forma gratuita, isto é, as suas características sociodemográficas e as das suas famílias. Pretendeu-se, ainda, averiguar os resultados dos dois instrumentos aplicados antes do início da intervenção (PSOC e ECIP-2), compreender os níveis de assiduidade dos pais às sessões de educação parental e os níveis de satisfação sentidos no final do programa. A discussão detalhada dos resultados obtidos, apresentada neste ponto, terá um enfoque particular nos resultados estatisticamente significativos, no contexto da literatura analisada no enquadramento teórico.

O primeiro objetivo específico desta dissertação passou pela caracterização sociodemográfica dos pais-homens que frequentaram o grupo e das suas famílias. Em primeiro lugar, foi possível verificar que existe uma grande discrepância entre o número de mães e o número de pais que participaram no programa, sendo este último muito mais reduzido. Como é constatado na literatura (Burgess, 2009; Homem et al., 2014; Sharvit et al., 2008; Stahlshmidt et al., 2013), os pais procuram menos ajuda do que as mães no que concerne aos problemas dos seus filhos, aderindo menos a programas de apoio à parentalidade, o que também se verificou neste caso. Esta baixa adesão pode-se dever a algumas barreiras existentes, como o facto de os pais passarem mais horas fora de casa em trabalho e terem geralmente níveis de

envolvimento mais baixos na vida dos seus filhos (Fletcher et al., 2014; Phares et al., 2006). De facto, nesta amostra, existe, por exemplo, uma maior percentagem de mães desempregadas do que de pais. Outra justificação plausível para esta fraca adesão dos pais pode estar relacionada com os estereótipos de género e a distribuição mais tradicional de papéis, com os pais a considerarem as mães como responsáveis por essas tarefas (Sharvit et al., 2008). Por conseguinte, estes pais-homens que participaram no programa vieram, de forma quase exclusiva, acompanhados pelas mães das crianças. Os pais-homens que participaram no programa têm uma média de idades de 37 anos e concluíram, na sua grande maioria, o bacharelato ou a licenciatura, ou mesmo um grau académico superior à licenciatura. Comparativamente às características da população nacional entre 2009 e 2016 (PORDATA, 2019), os homens participantes nos grupos de pais apresentam uma taxa de desemprego consideravelmente mais baixa e ocupam cargos mais diferenciados do que a população de referência. Esta última característica poderá estar relacionada com uma maior sensibilidade e conhecimento dos cuidados a prestar aos filhos e da importância do seu envolvimento enquanto pais, aspetos estes que os podem ter motivado a participar nos grupos de apoio à parentalidade (Cabrera et al., 2007; Castillo et al., 2011; Davis & Perkins, 1996; Lima, 2008). Possivelmente, estes pais reconhecem valor e eficácia aos grupos de apoio à parentalidade.

Como acima foi mencionado, é de destacar que grande parte dos pais-homens que participaram no grupo vieram acompanhados pelas mães, enquanto casal. A este respeito, a literatura tem destacado que a relação do pai com a mãe é tida como um aspeto fundamental e fulcral para que se desenvolva um forte envolvimento entre o pai e os filhos (Lamb, 2010; Lima et al., 2011). Partindo do conceito de *responsabilidade* de Lamb e colaboradores (1987), que é definido pelo comprometimento pelo bem-estar da criança e pelos cuidados a serem prestados a esta, verifica-se que os pais-homens assumiram a responsabilidade de participar nos grupos de apoio à parentalidade de forma maioritariamente partilhada. Contrariamente, houve muitas mães que assumiram esta responsabilidade individualmente, participando sozinhas no programa. Esta situação traduz a medida em que, ainda hoje, o papel do cuidador principal continua a ser ocupado pela mãe. Assim, ainda que a distribuição tradicional de papéis venha a sofrer alterações e o pai se vá envolvendo cada vez mais nos cuidados e nas tarefas dos seus filhos, esta evolução faz-se sentir lentamente (Cabrera et al., 2000; Lamb, 2010; Lima et al., 2011; Staudt & Wagner, 2008).

As crianças destes pais-homens eram maioritariamente do género masculino, dado que se pode justificar a partir do critério de inclusão para a participação no estudo das subamostras 1 e 2 (Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo et al., 2016; Seabra-Santos, Gaspar, Homem et al., 2016), definido através de uma pontuação acima do percentil 80 nas subescalas de Hiperatividade e/ou Problemas de Conduta nas crianças no Questionário SDQ, havendo mais rapazes do que raparigas nestas condições. A média de idades destas crianças é de 4 anos, algo expectável tendo em conta os critérios de inclusão para os estudos dos quais a presente dissertação constitui um desenvolvimento, considerando que o programa aplicado (AI-P, Webster-

Stratton, 2001) se destina a pais de crianças com idade pré-escolar.

A análise sociodemográfica dos agregados familiares de pais-homens permitiu verificar que estas famílias possuem um nível socioeconómico maioritariamente médio e residem em meios predominantemente urbanos. Estas famílias têm, na sua maioria, dois filhos, havendo ainda elevada percentagem de filhos únicos. Para Koerting e colaboradores (2013), as famílias tendem a considerar as dificuldades financeiras, assim como a residência em meios rurais como barreiras à participação em grupos de apoio à parentalidade. Assim, o estatuto socioeconómico médio e a residência em meios urbanos podem ter facilitado a adesão ao programa por parte destes pais-homens, contrariamente aos que residem em meios rurais. Poderíamos também pensar que possíveis sentimentos de vergonha e de estigma podem contribuir para afastar pais que residam em meios rurais deste tipo de grupos (Fletcher et al., 2014; Koerting et al., 2013; Smith et al., 2015). O baixo número de filhos pode também ser considerado um fator importante na participação destes pais no programa, considerando que o número de filhos influencia o envolvimento do pai para com os mesmos. Assim, quanto mais filhos o casal tiver, maior será a diluição dos recursos afetivos e instrumentais a serem distribuídos, o que pode comprometer o envolvimento do pai na vida de todos os filhos (Wood & Repetti, 2004). Porém, quando comparadas as famílias em que ambos os pais participaram com aquelas em que as mães participaram sozinhas, não se verificaram diferenças relativamente ao estatuto socioeconómico, ao meio de residência assim como ao número de filhos. Por conseguinte, embora estas variáveis possam ter influenciado a decisão dos pais-homens de integrarem ou não os grupos, não constituem fatores distintivos em relação às restantes famílias.

No que diz respeito aos resultados na Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC), os pais-homens sentem-se bastante menos competentes, isto é, menos satisfeitos e eficazes, quando comparados com os dados referência nacionais (Seabra-Santos, 2015). É possível que os baixos níveis de sentido de competência parental, avaliados no momento em que estes pais se autopropõem a frequentar o programa, funcionem como um impulsionador para a sua adesão aos programas de apoio à parentalidade, com o objetivo de treinarem competências para se tornarem melhores pais (Rostad, Self-Brown, Boyd, Osborne, & Patterson, 2017). Comparando os pais-homens com as mães, verifica-se que responderam de forma equivalente, sentindo-se igualmente pouco satisfeitos e eficazes naquilo que são as suas tarefas enquanto pais. Este último resultado não corrobora estudos anteriores (Castillo et al., 2011; Ferreira et al., 2014; Johnston & Mash, 1989), que verificaram existir um sentimento de maior satisfação por parte dos pais comparativamente com as mães, que pode ser justificado pela circunstância de os pais assumirem um papel dominante na vida dos filhos através do brincar, e tarefas menos instrumentais com as suas crianças do que as mães, o que poderá moldar a sensação de satisfação relativamente à sua parentalidade (Lamb, 2010). Pelo contrário, é possível que estes pais, que se propuseram participar voluntariamente num grupo de educação parental, assumam um papel na educação dos filhos mais idêntico ao das mães (Lamb, 2010; Lima et al., 2011), o que pode fazer com que os índices de satisfação sejam mais

semelhantes aos daquelas. Verificou-se ainda que, quanto mais velhos e mais escolarizados forem os pais, menores são os seus índices de eficácia, o que vai ao encontro da literatura nesta área (Ferreira et al., 2014; Johnston & Mash, 1989; Seabra-Santos et al., 2015). Uma explicação possível para este resultado é que pais-homens mais velhos e mais escolarizados poderão estar mais conscientes do significado de ser um pai eficaz e da importância da eficácia parental no desenvolvimento dos filhos e, assim, perceberem-se como estando mais distantes dos níveis ideais de eficácia (Meunier & Roskam, 2009).

Quanto às Escalas de Comportamento para a Idade Pré-Escolar (ECIP-2), pais e mães das mesmas crianças sinalizam ambos, ainda que em graus diferentes, o risco clínico moderado, tanto para a escala dos Problemas de Comportamento, como para a subescala dos Problemas de Comportamento Externalizados, segundo os pontos de corte do estudo de afiliação portuguesa das ECIP-2 (Major, 2011). Quando comparados com os dados desse estudo, os pais-homens participantes nos grupos AI-P pontuam as crianças com valores mais baixos na escala das Aptidões Sociais, e substancialmente mais elevados na escala dos Problemas de Comportamento, e nas subescalas de Problemas de Comportamento Externalizado e Problemas de Comportamento Internalizado. Comparando os dois grupos, pais e mães diferiram nas respostas à escala Problemas de Comportamento, assim como à subescala Problemas de Comportamento Externalizados. Em ambas, os pais pontuaram significativamente menos que as mães. Estes dados vão ao encontro da bibliografia existente em estudos estrangeiros (Christensen, Margolin, & Sullaway, 1992; Langberget al., 2010), de acordo com os quais os pais-homens tendem a sinalizar menos problemas de comportamento nos seus filhos do que as mães. No entanto, estes dados não corroboram os resultados do estudo português (Major, 2011), em que pais e mães sinalizaram de forma idêntica os problemas de comportamento, nomeadamente de tipo externalizado. Por conseguinte, a literatura nesta área não é consensual, podendo as diferenças ser atribuíveis a características específicas das amostras estudadas, como por exemplo um número maior ou menor de crianças em risco clínico. Estudos futuros poderão contribuir para esclarecer este tópico.

Outro objetivo específico desta dissertação foi compreender a assiduidade dos pais ao programa, assim como o número de casos de *dropout*. Verificou-se que os pais-homens tiveram bons níveis de presenças nas sessões, com quase três quartos dos mesmos a participarem em pelo menos 10 sessões e somente quatro casos de *dropout*, o que indica que, tal como as mães, os pais tiveram presença assídua no programa. Estes números satisfatórios de participação e de manutenção no programa podem estar relacionados com os facilitadores à participação inerentes ao mesmo, tais como a estimulação do envolvimento dos pais-homens nas sessões de grupo e a marcação de sessões em horários pós-laborais (Homem et al., 2014; Seabra-Santos, Gaspar, Homem et al., 2016).

Um outro objetivo específico deste estudo consistiu em comparar os resultados da PSOC e da ECIP-2 entre mães que frequentaram os grupos sozinhas ou acompanhadas pelos pais das crianças. Verifica-se que as mães que frequentaram os grupos com os pais pontuam significativamente mais na

escala dos Problemas de Comportamento, assim como na subescala de Problemas de Comportamento Externalizados, quando comparadas às mães que participaram sozinhas. Salienta-se ainda que os resultados dos pais-homens na escala dos Problemas de Comportamento e na subescala de Problemas de Comportamento Externalizados, são mais elevados do que os resultados das mães que participaram sozinhas, para as respetivas escalas. Como explicações possíveis para estes resultados podemos especular que os pais podem querer envolver-se nos grupos por identificarem mais problemas nas crianças, ou as mães mais preocupadas, isto é, que pontuam as suas crianças com mais problemas de comportamento, podem ser mais eficazes na mobilização dos pais para frequentarem o programa. Por outro lado, é bastante consensual a ideia de que a participação de ambos os pais, tendo por base a sinalização elevada de Problemas de Comportamento atribuída pelo casal aos filhos, pode permitir uma consistência mais apurada nas práticas parentais e na implementação de estratégias nas interações com os mesmos (Gryczkowski, Jordan, & Mercer, 2010).

A análise da satisfação que os pais sentiram relativamente ao programa depois do término do mesmo é muito positiva, considerando que as médias das respostas variam entre 6 e 7, e a cotação de cada resposta é avaliada numa escala de 1 a 7. Mais especificamente, o grupo de pais-homens respondeu com elevados níveis de satisfação relativamente ao programa em si e às melhorias derivadas da sua participação, assim como às metodologias empregues e aos dinamizadores do programa. Demonstraram-se, igualmente, satisfeitos quanto ao grupo de pais que os acompanhou e às estratégias treinadas. Estes elevados níveis de satisfação após a participação num programa de apoio à parentalidade vão ao encontro da literatura, onde os pais-homens tendem a revelar-se satisfeitos com o impacto que o programa AI-P traz na relação com os seus filhos e nas melhorias das dificuldades pelas quais decidiram aderir ao programa (Wesbter-Stratton et al., 2011). Estes valores podem estar relacionados com os ganhos ocorridos, para os pais e para as crianças, e reportados nos estudos de eficácia dos quais o presente estudo constitui um desenvolvimento (Baptista et al., 2017; Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo, et al., 2016; Seabra-Santos, Gaspar, Homem, et al., 2016). Concretamente, é possível que o sentimento de confiança e de autoeficácia destes pais-homens tenha crescido ao longo das várias sessões do programa e que, proporcionalmente a este aumento de sentido de eficácia parental, tenha também aumentado o uso de estratégias educativas adequadas, proporcionando alterações positivas no comportamento dos filhos (Baptista et al., 2017; Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo, et al., 2016). As metodologias do programa, que assentam fundamentalmente no processo de aprendizagem colaborativa em grupo (Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo, et al., 2016), podem ter desempenhado um papel importante na satisfação para com o mesmo. O apoio prestado pelo grupo de pais e pelos dinamizadores, valorizado de forma satisfatória pelos pais-homens, pode ter contribuído para aumentar os níveis de confiança quanto às suas práticas parentais, assim como para a observação de mudanças positivas nos comportamentos dos seus filhos e na relação pais-filhos (Levac, McMey, Merka, & Reddon-D'Arcy, 2008), também reportados por estes pais-homens.

Pais e mães das mesmas crianças diferiram em alguns aspetos da satisfação sentida com programa, ainda que sejam visíveis os elevados níveis de satisfação de ambos. Assim, as mães aparentam estar mais satisfeitas quanto às metodologias empregues e aos dinamizadores, e os pais-homens mais satisfeitos quanto às estratégias treinadas ao longo do programa, comparativamente às mães. Analisando e comparando especificamente a satisfação quanto a cada uma das estratégias treinadas, a primeira conclusão a referir é que os pais pontuaram mais que as mães em todas as seis estratégias desenvolvidas durante o programa, sendo as diferenças estatisticamente significativas em cinco delas. Se esta diferença é mais expectável em relação à estratégia de brincar, pela maior facilidade que os pais poderão ter para colocá-la em prática (Lamb, 2010), a maior satisfação com as estratégias de ignorar, as ordens e o tempo de pausa poderão indicar que os pais-homens adaptam o seu comportamento de forma a estimular o desenvolvimento das suas crianças, estando disponíveis para explorar novas estratégias na relação com os seus filhos (Lamb, 2010; Lima et al., 2011).

A comparação do nível de satisfação entre pais com crianças mais ou menos problemáticas mostrou que os primeiros se revelaram mais satisfeitos com o programa do que os outros pais, mencionando que os problemas/dificuldades que os levaram a participar no grupo melhoraram, sentindo-se mais satisfeitos com os progressos alcançados, considerando que a participação no grupo ajudou a conseguir melhorias noutras dificuldades da esfera pessoal e que as expectativas em relação aos resultados alcançados são ótimas, e sentindo-se positivos relativamente ao programa, considerando os resultados alcançados. É possível que os pais de crianças consideradas mais problemáticas notem de forma mais evidenciada os resultados positivos do que os de crianças consideradas menos problemáticas, pelas diferenças que terão existido ao longo do tempo. Tal como é realçado na literatura (cf. meta-análise de Menting, Orobio de Castro, & Matthys, 2013), a severidade dos problemas de comportamento da criança sentidas no início do programa é um forte preditor da eficácia da intervenção. Outro aspeto interessante é que, tal como a literatura tem mostrado (Burgess, 2009; Levac et al., 2008), os pais se sentem satisfeitos com as melhorias que o programa trouxe para a sua vida pessoal, como a melhoria nas relações familiares. Estes resultados podem dever-se ao aumento da confiança no seu papel parental e à mudança de abordagem e perspetiva com que os pais-homens se relacionam com os seus filhos em momentos de comportamentos disruptivos (Burgess, 2009; Seabra-Santos, Gaspar, Azevedo, et al., 2016). A relação entre o casal pode ter beneficiado também com a participação no programa, sendo este aspeto defendido como fundamental para que os pais-homens desenvolvam uma relação mais estreita e mais afetiva com os filhos (Lamb, 2010; Lima et al., 2011).

A comparação entre pais de filhos com mais ou menos comportamentos disruptivos não revelou diferenças quanto aos níveis de satisfação relativamente às estratégias treinadas durante o programa, indicando que ambos os grupos valorizam de igual forma as estratégias desenvolvidas, quer estas sejam de promoção de comportamentos positivos, quer de redução de comportamentos negativos. Estes dados podem justificar-se através de

testemunhas de pais-homens que participaram no programa no passado, com crianças muito problemáticas. Na adesão ao programa, estes pais têm elevadas expectativas de encontrarem uma solução mais imediata para os comportamentos negativos dos filhos através da disciplina, mas aquando do término do mesmo, estes acabam por valorizar tanto as estratégias de promoção de comportamentos positivos, como aquelas que visam a redução de comportamentos negativos (Incredible Years, 2013).

VI - Conclusões

O presente estudo permitiu averiguar que o número de pais-homens a participar de forma voluntária num programa de educação parental oferecido gratuitamente foi bastante menor que o número de mães. De igual forma, constatou-se que os pais-homens que participaram no programa se diferenciavam do ponto de vista sociodemográfico quando comparados com as estatísticas nacionais, tendo um nível de escolaridade mais elevado (maioritariamente licenciados) e desempenhando profissões mais diferenciadas (tais como dirigentes de empresas e profissionais intelectuais e científicos). Verificou-se, igualmente que, no momento da adesão ao programa, os pais se autoavaliavam com níveis de competência parental mais baixos do que uma amostra portuguesa de referência, e pontuavam as suas crianças como tendo mais problemas de comportamento e menos aptidões sociais, igualmente em comparação com os dados normativos para a população portuguesa. Por fim, evidenciaram-se elevados níveis de satisfação com o programa AI-P, destacando-se valores superiores aos demonstrados pelas mães quanto às estratégias treinadas.

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na leitura e interpretação dos resultados. Uma das limitações é o reduzido número de pais-homens que compõem a amostra e, nomeadamente, o facto de todos eles residirem no distrito de Coimbra e terem participado em grupos de educação parental conduzidos em contextos de investigação. Outra das limitações prende-se com o facto de apenas terem sido estudadas variáveis presentes, nas três bases de dados em simultâneo, correspondentes às três subamostras que originaram a amostra estudada na presente dissertação, impedindo a realização de outros tipos de análise (por exemplo, o número de anos de escolaridade ou a tipologia da família).

Investigações futuras poderão estudar outras variáveis dos pais, tais como índices de sintomas psicopatológicos no momento em que aderem ao programa, ou pais residentes em meios rurais e/ou desfavorecidos a nível socioeconómico, com o objetivo de caracterizar o sentido de competência parental, assim como a sinalização de problemas de comportamento dos filhos em pais oriundos de famílias com essas características. Considerando que a larga maioria dos pais participaram acompanhados pelas mães das crianças, seria interessante averiguar quais as variáveis que impulsionaram a sua adesão e quais as suas motivações para frequentarem o programa. Por fim, seria pertinente saber se o género dos dinamizadores de grupos tem influência na adesão aos mesmos por parte dos pais-homens, nomeadamente se dinamizadores do género masculino influenciariam de forma positiva a sua

adesão.

O papel do pai tem vindo a sofrer uma evolução ao longo das últimas décadas, aproximando-se cada vez mais do papel que a mãe desempenha junto dos filhos (Lamb et al., 1987; Lamb, 2010; Lima et al., 2011), sendo bastante consensual na literatura que o envolvimento dos pais traz vários benefícios à criança, ao nível escolar, psicológico e social (Malmberg et al., 2015; Pougnet et al., 2011; Torres et al., 2014; Webster et al., 2013). Ainda assim, a distribuição tradicional das responsabilidades parentais continua a ser muito comum, sobretudo nos meios mais rurais, em particular no que diz respeito ao envolvimento do pai nos cuidados a prestar à criança e à procura de ajuda profissional para a educação dos filhos, nomeadamente quando estes apresentam problemas (Fletcher et al., 2014; Koerting et al., 2013; Sharvit et al., 2008; Smith et al., 2015). Concretamente, demonstrou-se que o envolvimento e a participação dos pais-homens em programas de apoio à parentalidade ajuda a promover os resultados escolares e a aumentar as competências sociais nas interações das suas crianças (Burgess, 2009; Homem et al., 2014; Kaminski et al., 2008).

Neste contexto, tanto na esfera nacional, como a nível internacional, cada vez mais se tem vindo a chamar a atenção para a importância do envolvimento do pai como um grande benefício para os filhos. A título de exemplo, a Associação de Defesa e Apoio da Vida, através do seu programa Mãe e Pai Coragem, visa contribuir para a promoção de um envolvimento pró-ativo de homens-pais nas tarefas domésticas e familiares, bem como para a sua responsabilização pelos cuidados dos seus filhos (ADAN, 2019). Também a Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos (APIPDF) tem vindo a difundir a ideia de uma maior partilha dos cuidados às crianças por parte de ambos os progenitores, defendendo, por exemplo, que as responsabilidades parentais, em caso de divórcio, devem ser divididas e partilhadas, no sentido de favorecer o desenvolvimento dos filhos (APIPDF, 2019). A UNICEF Portugal promoveu, no dia 16 de março de 2018, antecedendo o Dia do Pai, a campanha “Todos os Pais são Super-heróis”, que pretendeu chamar a atenção para a importância dos pais-homens na vida dos seus filhos, sobretudo nos primeiros anos e, deste modo, inspirar a mudança de comportamentos dos pais, promover um contacto maior com os filhos e alterar a conceção tradicional das tarefas parentais (UNICEF, 2019). Os resultados do presente estudo apontam para uma discrepância acentuada entre o número de pais-homens e de mães aderentes a um programa de educação parental, sendo que, aqueles que participam, se fazem acompanhar pelas mães das crianças. Porém, quando participam, os pais revelaram-se muito satisfeitos com o modo de funcionamento do programa e com as melhorias alcançadas, quer no comportamento dos seus filhos, quer noutros aspetos da vida familiar. Assim, ainda que o número de pais seja menor que o das mães, podemos estar perante um sinal de mudança no que concerne à distribuição de tarefas parentais, assim como à interpretação das dificuldades sentidas pelos filhos e ao reconhecimento da importância do papel que desempenham no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

Bibliografia

- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M., & Santos, M. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental: Relatório*. Acedido de http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=3493&m=PDF
- Addis, M. E., & Mahalik, J. R. (2003). Men, masculinity, and the contexts of help seeking. *American Psychologist*, 58(1), 5-14. doi: 10.1037/0003-066X.58.1.5
- Almeida, L. (1988). *Raciocínio diferencial na juventude Portuguesa: Avaliação, desenvolvimento e diferenciação*. Porto: National Institute of Scientific Research.
- Associação de Defesa e Apoio da Vida (2019). *Projetos criados pela ADAV Coimbra: Projeto Mãe e Pai Coragem*. Acedido de <https://www.adavcoimbra.pt/paginas/projetos/>
- Azevedo, A. F., Seabra-Santos, M. J., Gaspar, M. F., & Homem, T. C. (2013). The Incredible Years parent training for Portuguese preschoolers with AD/HD behaviors: Does it make a difference? *Child & Youth Care Forum*, 42(5), 403-424. doi: 10.1007/s10566-013-9207-0
- Baptista, E., Major, S., Seabra-Santos, M. J., Gaspar, M. F., Homem, T., Azevedo, A. & Pimentel, M. (2017). Grupos de pais Anos Incríveis: O que muda na perceção da competência parental e nos comportamentos das crianças? In *Atas do 3º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Lisboa, 28 Setembro 2106 a 1 de Outubro 2016* (pp. 243-251). Lisboa: Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Beato, A., Barros, L., & Pereira, A. I. (2018). Father's and mother's beliefs about children's anxiety. *Child: Care, Health and Development*, 44(5), 784-793. doi: 10.1111/cch.12603
- Bronte-Tinkew, J., Carrano, J., Allen, T., Bowie, L., Mbawa, K., & Matthews, G. (2007). *Elements of promising practice for fatherhood programs: Evidence-based research findings on programs for fathers*. Acedido de <https://library.fatherhood.gov/cwig/ws/library/docs/FATHERHD/Blob/62423.pdf?w=NATIVE%28%27TI+ph+is+%27%27Elements+of+Promising+Practice+for+Fatherhood+Programs+%3A+Evidenc+e-Based+Research+Findings+on+Programs+for+Fathers%27%27%27%29&upp=0&rpp=25&order=native%28%27year%27%29&r=1&m=1>
- Bronte-Tinkew, J., Carrano, J., Horowitz, A., & Kinukawa, A. (2008). Involvement among resident fathers and links to infant cognitive outcomes. *Journal of Family Issues*, 29(9), 1211-1244. doi: 10.1177/0192513X08318145
- Burgess, A. (2009). *Fathers and parenting interventions: What works? Preliminary research findings*. Acedido de <http://www.fatherhoodinstitute.org/wp-content/uploads/2013/11/Fathers-and-Parenting-Interventions->

What-Works.pdf

- Bzostek, S. H. (2008). Social fathers and child well-being. *Journal of Marriage and Family*, 70(4), 950-961. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00538.x
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-K. *Applied Development Science*, 11(4), 208-213. doi: 10.1080/10888690701762100
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Castillo, J., Welch, G., & Sarver, C. (2011). Fathering: The relationship between father's residence, father's sociodemographic characteristics, and father involvement. *Maternal and Child Health Journal*, 15(8), 1342-1349. doi: 10.1007/s10995-010-0684-6
- Christensen, A., Margolin, G., & Sullaway, M. (1992). Interparental agreement on child behavior problems. *Psychological Assessment*, 4(4), 419-425.
- Davis, D. W., Logsdon, M. C., Jones, V. F., Dempster, R., Ryan, L., & Rowland, M. (2015). First we have to engage them: A mixed methods assessment of low-income parents' preferences for and barriers to receiving child health promotion information. *Journal of Pediatric Health Care*, 29(6), 501-508.
- Davis, J. E., & Perkins, W. E. (1996). Fathers' care: A review of the literature. *National Center on Fathers and Families*. Acedido de <https://eric.ed.gov/?id=ED454973>
- Duppong-Hurley, K., Hoffman, S., Barnes, B., & Oats, R. (2016). Perspectives on engagement barriers and alternative delivery formats from non-completers of a community-run parenting program. *Journal of Child and Family Studies*, 25(2), 542-552. doi: 10.1007/s10826-015-0253-0
- Egger, H. L., & Angold, A. (2006). Common emotional and behavioral disorders in preschool children: Presentation, nosology, and epidemiology. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, 47(3/4), 313-337. doi: 10.1111/j.1469-7610.2006.01618.x
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2014). Percepção de competência parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de autoeficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 32(2), 145-156. doi:10.14417/ap.854
- Fletcher, R., May, C., St George, J., Stoker, L., & Oshan, M. (2014). *Engaging fathers: Evidence review*. Canberra: Australian Research Alliance for Children and Youth (ARACY).
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2004). Early father's and mother's involvement and child's later educational outcomes. *British Journal of Educational Psychology*, 74, 141-153. doi:10.1348/000709904773839806
- Grossman, K., Grossman, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheurer-

- English, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development, 11*(3), 307-331. doi: 10.1111/1467-9507.00202
- Gryczkowski, M., Jordan, S., & Mercer, S. (2010). Differential relations between mothers and fathers parenting practices and child externalizing behavior. *Journal of Child and Family Studies, 19*, 539-546. doi: 10.1007/s10826-009-9326-2
- Hawkins, A. J., & Palkovitz, R. (1999). Beyond ticks and clicks: The need for more diverse and broader conceptualizations and measures of father involvement. *The Journal of Men's Studies, 8*(1), 11-32. doi: 10.3149/jms.0801.11
- Homem, T. C., Gaspar, M. F., Seabra-Santos, M. J., Azevedo, A. F., & Canavarro, M. C. (2013). Perturbações de comportamento externalizante em idade pré-escolar: O caso específico da perturbação de oposição. *Análise Psicológica, 1*(31), 31-48. doi: 10.14417/ap.658
- Homem, T. C., Gaspar, M. F., Seabra-Santos, M. J., Canavarro, M. C., & Azevedo, A. F. (2014). A pilot study with the Incredible Years Parenting Training: Does it work for fathers of preschoolers with oppositional behavior symptoms? *Fathering, 12*(3), 262-282. doi: 10.3149/fth.1203.262
- Igualdade Parental. (2019). *Discurso do Presidente da direção da APIPDF na 7ª Conferência Internacional Igualdade Parental Séc. XXI – Leiria*. Acedido de <https://igualdadeparental.org/conferencia-2019/discurso-do-presidente-da-direcao-da-apipdf-na-7a-conferencia-internacional-igualdade-parental-sec-xxi-leiria/>
- Incredible Years. (2013, 19 de Maio). *Incredible years parent and child programs shown to work for children with ADHD* [ficheiro video]. Acedido de https://www.youtube.com/watch?time_continue=349&v=7nhs_IV-Q9Y
- Jayakody, R., & Kalil, A. (2002). Social fathering in low income, African-American families with preschool children. *Journal of Marriage and Family, 64*, 504-516. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00504.x
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology, 18*(2), 167-175. doi:10.1207/s15374424jccp1802_8
- Juvrud, J., & Rennels, J. L. (2017). "I don't need help": Gender differences in how gender stereotypes predict help-seeking. *Sex Roles, 76*(1-2), 27-39. doi:10.1007/s11199-016-0653-7
- Kaminski, J., Valle, L., Filene, J. H., & Boyle, C. L. (2008). A meta-analytic review of components associated with parent training program effectiveness. *Journal of Abnormal Child Psychology, 36*(4), 567-589. doi: 10.1007/s10802-007-9201-9
- Koerting, J., Smith, E., Knowles, M. M., Latter, S., Elsey, H., Mccann, D. C., Thompson, M., & Sonuga-Bark, E. J. (2013). Barriers to, and facilitators of, parenting programmes for childhood behaviour

- problems: A qualitative synthesis of studies of parents' and professionals' perceptions. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 22(11), 653-670. doi: 10.1007/s00787-013-0401-2
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1(10), 19-34. Acedido de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2706>
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 23-42. doi: 10.1300/J002v29n02_03
- Lamb, M. E. (2010). How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of father in child development* (5th ed., pp.1-26). New York, NY: Wiley.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E., & Levine, J. (1987). A biosocial perspective on paternal care and involvement. In J. Lancaster, J. Altmann, L. Sherrod, & A. Rossi (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). Hawthorne, NY: Aldine Publishing Co.
- Langberg, J. M., Epstein, J. N., Simon, J. O., Loren, R. E., Arnold, L. E., Hechtman, L., ... Wigal, T. (2010). Parent agreement on ratings of children's Attention Deficit/Hyperactivity Disorder and broadband externalizing behaviors. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 18(1), 41-50. doi:10.1177/1063426608330792
- Lechowicz, M. E., Jiang, Y., Tully, L. A., Burn, M. T., Collins, D. A., Hawes, D. J., ... Dadds, M. R. (2018). Enhancing father engagement in parenting programs: Translating research into practice recommendations. *Australian Psychologist*. doi:10.1111/ap.12361
- Levac, A. M., McCay, E., Merka, P., & Reddon-D'Arcy, M. L. (2008). Exploring parent participation in a parent training program for children's aggression: Understanding and illuminating mechanisms of change. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 21(2), 78-88. doi: 10.1111/j.1744-6171.2008.00135.x.
- Lima, J. A. (2008). O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar. Acedido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6687/2/83537.pdf>
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 4(29), 567-578. Acedido de <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/104/pdf>
- Major, S. O. (2011). *Avaliação de aptidões sociais e problemas de comportamento em idade pré-escolar: Retrato das crianças portuguesas* (Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra). Acedido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/17774>
- Major, S., & Seabra-Santos, M. J. (2016). Validity evidences for the Portuguese version of the Problem Behavior Scale: Preschool and Kindergarten Behavior Scales-2. *Paidéia*, 26(65), 273-281. doi: 10.1590/1982-43272665201606
- Major, S., Seabra-Santos, M. J. (2014). *Preschool and Kindergarten Behavior Scales – Second edition* (PKBS-2): Adaptação e estudos

- psicométricos da versão portuguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(4), 689-699. doi: 10.1590/1678-7153.201427409
- Malmberg, E., Lewis, S., West, A., Murray, E., Sylva, K., & Stein, A. (2015). The influence of mother's and father's sensitivity in the first year of life on children's cognitive outcomes at 18 and 36 months. *Child: Care, Health and Development*, 42(1), 1-7. doi:10.1111/cch.12294
- Maxwell, N., Scourfield, J., Holland, S., Featherstone, B., & Lee, J. (2012). The benefits and challenges of training child protection social workers in father engagement. *Child Abuse Review*, 21, 299-310. doi: 1002/car.2218
- Menting, A. T., Orobio de Castro, B., & Matthys, W. (2013). Effectiveness of the Incredible Years parent training to modify disruptive and prosocial child behavior: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, 33(8), 901-913. doi:10.1016/j.cpr.2013.07.006
- Meunier, J. C., & Roskam, I. (2009). Self-efficacy beliefs amongst parents of young children: Validation of a self-report measure. *Journal of Child and Family Studies*, 18(5), 495-511. doi:10.1007/s10826-008-9252-8
- Opondo, C., Redshaw, M., & Quigley, M. A. (2017). Association between father involvement and attitudes in early child-rearing and depressive symptoms in the pre-adolescent period in a UK birth cohort. *Journal of Affective Disorders*, 221, 115-122. doi: 10.1016/j.jad.2017.06.010
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200-216). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father-child relationships. *Applied Developmental Science*, 11(4), 190-195. doi: 10.1080/10888690701762050
- Panter-Brick, C., Burgess, A., Eggerman, M., McAllister, F., Pruett, K., & Leckman, J. F. (2014). Practitioner review: Engaging father's recommendations for a game change in parenting interventions based on a systematic review of the global evidence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(11), 1187-1212. doi: 10.1111/jcpp.12280
- Phares, V., Fields, S., & Binitie, I. (2006). Getting fathers involved in child-related therapy. *Cognitive and Behavioral Practice*, 13(1), 42-52. doi:10.1016/j.cbpra.2005.06.002
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of father in child development* (5th ed., pp. 1-26). New York, NY: Wiley.
- PORDATA. (2019a). *População empregada: total e por profissões 2009-2016*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Acedido de <https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+empregada+total+e+por+profiss%C3%B5es-3385>

- PORDATA. (2019b). *População residente do sexo masculino com 15 e mais anos por nível de escolaridade completo mais elevado 2009-2016 (%)*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Acedido de [https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+do+sexo+masculino+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%A0Dvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-886](https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+do+sexo+masculino+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%A0Dvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-886)
- PORDATA. (2019c). *Taxa de desemprego total e por Sexo 2009-2016*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Acedido de [https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+\(percentagem\)-550](https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+(percentagem)-550)
- Pouget, E., Serbin, L. A., Stack, D. M., & Schwartzman, A. E. (2011). Father's influence on children's cognitive and behavioural functioning: A longitudinal study of Canadian families. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 43(3), 173-182. doi:10.1037/a0023948
- Sharvit, K., Raviv, A., & Rosenblat-Stein, S. (2008). Mother's and father's reluctance to seek psychological help for their children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 151-162. doi:1007/s10826-008-9215-0
- Renk, K., & Phares, V. (2007). Maternal and paternal perceptions of social competence in children and adolescents. *Journal of Child Family Studies*, 16, 103-112. doi: 10.1007/s10826-006-9071-8
- Rosenberg, J., & Wilcox, W. B. (2006). Fathers and their impact on children's well-being. In J. Rosenberg, & B. Wilcox (Eds.), *The importance of fathers in the healthy development of children* (pp. 11-14). Washington DC: Department of Health and Human Services.
- Rostad, W. L., Self-Brown, S., Boyd Jr, C., Osborne, M., & Patterson, A. (2017). Exploration of factors predictive of at-risk father's participation in a pilot study of nan augmented evidence-based parent training program: A mixed methods approach. *Child Youth Service Review*, 79, 485-494. doi: 10.1016/j.childyouth.2017.07.001
- Sanders, M. R. (2003). Triple P - Positive Parenting Program: A population approach to promoting competent parenting. *Australian E-Journal for the Advancement of Mental Health*, 2(3), 127-143. doi: 10.5172/jamh.2.3.127
- Seabra-Santos, M. J., Gaspar, M. F., Azevedo, A. F., Homem, T. C., Guerra, J., Martins, ... Moura-Ramos, M. (2016). Incredible Years parent training: What changes, for whom, how, for how long? *Journal of Applied Developmental Psychology*, 44(10), 93-104. doi: 10.1016/j.appdev.2016.04.004
- Seabra-Santos, M. J., Gaspar, M. F., Homem, T. C., Azevedo, A., Silva, I., & Vale, V. (2016). Promoção de competências sociais e emocionais: Contributos dos programas Anos Incríveis. In A. M. Pinto, R. Raimundo (Eds.), *Avaliação e promoção de competências socioemocionais em Portugal* (pp. 227-260). Vialonga: Coisas de Ler.
- Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M., Antunes, N.,

- Roque, V. (2015). Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC): Estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 97-106. doi:10.15689/ap.2015.1401.11
- Smith, E., Koerting, J., Latter, S., Knowles, M., Mccann, D., & Thompson, M. (2015). Overcoming barriers to effective early parenting interventions for attention-deficit hyperactivity disorder (ADHD): Parent and practitioner views. *Child: Care, Health and Development*, 35(10), 1734-1741. doi: 10.1111/cch.12146
- Stahlschmidt, M., Threlfall, J., Seay, K., Lewis, E., & Kohl, P. (2013). Children and youth services review recruiting fathers to parenting programs: Advice from dads and fatherhood program providers. *Children and Youth Services Review*, 35(10), 1734-1741. doi: 10.1016/j.chilyouth.2013.07.004
- Staudt, A. C., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185. Acedido de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100013
- Sullerot, E. (1993). *El nuevo padre: Un padre distinto para el mundo moderno*. Barcelona: Ediciones B.
- Thurston, I. B., & Phares, V. (2008). Mental health service utilization among African-American and Caucasian mothers and fathers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 76(6), 1058-1067. doi: 10.1037/a0014007
- Thurston, I. B., Hardin, R., Decker, K., Arnold, T., Howekk, J. H., & Phares, V. (2018). Black and white parent's willingness to seek help for children's internalizing and externalizing symptoms. *Journal of Clinical Psychology*, 74(1), 161-177. doi: 10.1002/jclp.22495
- Tipologia de Áreas Urbanas. (2014). Relatório Técnico. Acedido de <https://smi.ine.pt/Versao/Download/10129>
- Torres, N., Veríssimo, M., Monteiro, L., Ribeiro, O., & Santos, A. (2014). Domains of father involvement, social competence and problem behavior in preschool children. *Journal of Family Studies*. 20(3), 5237-5269.10.5172/jfs.2014.5237.
- UNICEF. (2019). *Campanha do dia do pai*. Acedido de: <https://www.unicef.pt/actualidade/noticias/unicef-lanca-campanha-do-dia-do-pai-todos-os-pais-sao-super-herois/>
- Verschueren, K., & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergartners: differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development*, 70(1), 183-201. doi: 10.1111/1467-8624.00014
- Webster, L., Low, J., Siller, C., & Hackett, R. K. (2013). Understanding the contribution of father's warmth on his child's social skills. *Fathering*, 11(1), 90-113. doi: .10.3149/fth.1101.90
- Webster-Stratton, C. (1981). Videotape modeling: A method of parent education. *Journal of Clinical Child Psychology*, 10(2), 93-98. doi: doi: 10.1080/15374418109533023
- Webster-Stratton, C. (2001). *The parent and child series: A comprehensive course divided into four programmes — Leaders' guide*. Seattle: The

Incredible Years.

- Webster-Stratton, C. (2011). *Parent, Teachers, and children's training series: Program content, methods, research and dissemination 1980-2011*. Acedido de <http://www.incredibleyears.com/books/iy-training-series-book/>
- Webster-Stratton, C. H., Reid, M. J., & Beauchaine, T. (2011). Combining Parent and Child Training for Young Children with ADHD. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 40(2), 191-203. doi: 10.1080/15374416.2011.546044
- Webster-Stratton, C., Reid, M. J., & Hammond, M. (2004). Treating children with early-onset conduct problems: intervention outcomes for parent, child, and teacher training. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 33(1), 105-124. doi: 10.1207/S15374424JCCP3301_11
- Wood, J. J., & Repetti, R. L. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 237-249. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.237